

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

DANIEL DE BRITO MOTA

**FORMAÇÃO EMPÍRICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
UM ESTUDO DE CASO NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP**

**CAMPINAS
2010**

DANIEL DE BRITO MOTA

**FORMAÇÃO EMPÍRICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
UM ESTUDO DE CASO NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP**

Dissertação apresentada à Coordenação de Pós-Graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas para a obtenção de título de Mestre em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

**CAMPINAS
2010**

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA
PELA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP**

M856f Mota, Daniel de Brito.
Formação empírica na Educação Superior: um estudo de caso na Faculdade de Educação Física da Unicamp / Daniel de Brito Mota. - Campinas, SP: [s.n], 2010.

Orientador: Jorge Sérgio Perez Gallardo.
Dissertação (mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Formação empírica. 2. Educação Física. 3. Vivências. 4. Corresponsabilidade I. Pérez Gallardo, Jorge Sergio. II. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. III. Título.

(asm/fef)

Título em inglês: Empirical training in higher education: a case study in the faculty of Physical Education, Unicamp
Palavras-chaves em inglês (Keywords): Empirical training. Physical education. Body experiences. Co-responsibility.
Área de Concentração: Educação física e sociedade.
Titulação: Mestrado em Educação Física.
Banca Examinadora: Jorge Sérgio Perez Gallardo. Paulo Cesar Montagner. Marcos Garcia Neira.
Data da defesa: 22/02/2010.

DANIEL DE BRITO MOTA

**FORMAÇÃO EMPÍRICA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
UM ESTUDO DE CASO NA FACULDADE DE
EDUCAÇÃO FÍSICA DA UNICAMP**

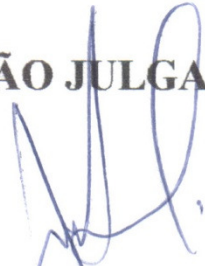
Este exemplar corresponde à redação final da dissertação de mestrado defendida por Daniel de Brito Mota e aprovada pela Comissão Julgadora em 22/02/2010.

Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo
Orientador



**CAMPINAS
2010**

COMISSÃO JULGADORA



Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo
Orientador



Prof. Dr. Marcos Garcia Neira



Prof. Dr. Paulo César Montagner

DEDICATÓRIA

*Ao Rafael Akira, meu primeiro filho,
que acrescentou outro sabor
aos meus desafios e conquistas.*

*Aos alunos que tive em meu caminho,
pela oportunidade de tê-los como aprendizes
e me forjarem mestre.*

*Ao Jorge,
o meu grande mestre.*

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Danilo Santos de Miranda, Diretor do Departamento Regional do SESC SP, pela concessão de bolsas de estudo para finalizar essa etapa acadêmica.

Ao Prof. Evandro Marcus Ceneviva, Gerente do SESC Campinas, pelo incentivo e apoio em minhas atividades da pós-graduação.

Aos alunos de graduação das disciplinas Tópicos Especiais em Educação Física – Ginástica de Trampolim I e II, pela convivência, aprendizado e por oportunizar esta pesquisa.

A Dulce, bibliotecária da FEF-UNICAMP, pelo socorro quando dei por perdido encontrar a referência da metodologia de minha pesquisa.

A Prof^ª Luciana Vaz, parceira de mestrado e de trabalho, pelo suporte nas horas tensas e pelo bônus de 3 dias de prazo.

Aos membros do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar – (Jorge, Ana Sato, Andresa, Bia, Cristiane, Fernanda, Lúcio, Luiz Linzmayer (Chilote), Marcos, Michele, Mônica, Mallet), pelas mais variadas discussões todas as segundas de manhã. Nós somos o que fazemos!

Aos professores Dr. Marcos Garcia Neira e Dr. Paulo César Montagner pelos construtivos e fundamentais apontamentos para esta pesquisa, e pela composição de minhas bancas de qualificação e defesa de mestrado. A honra foi/ é toda minha!

Ao Prof. Dr. José Rafael Madureira, pela duradoura e serena amizade, cumplicidade e apoio.

Ao prof. Dr. Jorge Pérez, pessoa e profissional, que me acolheu *matristicamente* em 1995 e desde então me ensinou a voar, assessorou minha formação e expandiu minha família.

A Prof^ª. Ana Sato, minha dedicada esposa que não mede esforços para me alavancar e, como se não bastasse a condição de seu singular momento, me acompanhou nas emoções da reta final.

Я тебя люблю

MOTA, Daniel de Brito. **Formação Empírica na Educação Superior: um Estudo de Caso na Faculdade de Educação Física da UNICAMP**. Dissertação (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

RESUMO

O propósito deste trabalho é discutir o valor de experiências empíricas na formação de professores de educação física, a saber, das experiências corporais no papel de educando e educador, tomando por base uma análise do atual currículo de graduação da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Estudantes participaram de situações para aprender a fazer e aprender a ensinar em nove disciplinas de graduação eletivas, sem pré-requisitos e não-obrigatórias, eminentemente direcionadas à prática corporal, com o conteúdo Ginástica de Trampolim. As disciplinas foram organizadas e oferecidas em nova interface, priorizando dois estágios distintos. O primeiro – destinado à vivência de conhecimentos – buscou dar subsídios ao estudante universitário para transmiti-los em aulas de educação física escolar. O segundo – destinado à prática – propôs aprofundamento técnico preparando o estudante para regência de atividades extraescolares e comunitárias da modalidade. O método de pesquisa utilizado foi estudo de caso intrínseco (*Storytelling* – Investigação narrativa), qualitativo do tipo etnográfico, proposto por Robert E. Stake. Tendo proporcionado um aumento de carga horária curricular sem impacto na duração final do curso, constatou-se que a interface curricular experimentada é uma alternativa possível para ampliar as experiências corporais dos estudantes. Estabeleceu uma matriz para formação empírica, a qual torna o ambiente profícuo para aprendizado e exercício de conhecimentos, habilidades, valores e atitudes que identificam a área da Educação Física. As experiências corporais, nesse contexto, revelam-se como condição valiosa para edificar uma consciência (sensível) sobre os usos expressivos do corpo. Frente à vastidão dos conteúdos da cultura corporal, é preciso que os futuros educadores conheçam o próprio corpo e os seus mecanismos expressivos antes de orientar a formação dos alunos.

Palavras-chave

1. Formação Empírica; 2. Educação Física; 3. Vivências; 4. Corresponsabilidade.

MOTA, Daniel de Brito. **Empirical Training in Higher Education: A Case Study in the Faculty of Physical Education, UNICAMP**. Dissertation (Master Degree in Physical Education). School of Physical Education of the State University of Campinas, Campinas, 2010.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to discuss the value of empirical experience in training teachers of physical education, like the body experiences in the role of educator and learner, based on an analysis of the current undergraduate curriculum of Faculty of Physical Education, UNICAMP. Students participated in situations to learn how to teach and learn in nine optional subjects to graduate without prerequisites and non compulsory, relating to the practice with the contents Trampoline Acrobatics. The subjects were organized and offered in the new interface, prioritizing two distinct stages. The first - for the body experience - seeks to provide subsidies to college student to transmit them in physical education classes at school. The second - for the practice - proposes technical analysis preparing the student for conducting extra-curricular activities and community of the content. The research method used is qualitative – case study (Storytelling) proposed by Robert E. Stake. Having given an increased amount of hours without extend the curriculum end, it was found that the interface experienced is an alternative to enlarge the body experiences of students. It's established a training matrix to empirical, which makes the environment useful for learning and pursuit of knowledge, skills, values and attitudes that define the area of Physical Education. The body experiences, in this context have proven valuable as a condition to build awareness (sensitive) on the expressive uses of the body. Faced with the wilderness of the contents of body culture, it is necessary that future educators know their own bodies and their expressive mechanisms before guiding the development of students.

Keywords

1. Empirical Training; 2. Physical Education; 3. Body Experiences; 4. Co-responsibility.

LISTA DE QUADROS

Quadro	Conteúdo	Página
01.	Disciplinas eletivas de graduação que compõe o estudo de caso	25
02.	Objetivos das disciplinas	27
03.	Características das disciplinas	27
04.	Cronograma de oferecimento das disciplinas	29
05.	Interface curricular	30
06.	Ambiente matrístico para formação humana e capacitação	34
07.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Biológicas e Exatas	39
08.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Humanas e Educação	39
09.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Pesquisa	39
10.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Núcleo Específico	40
11.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Clássicos da EF	40
12.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Aplicados a EF	40
13.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Aplicados a EF – Obrigatórias Optativas	41
14.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Eletivas	41
15.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de créditos por Áreas de Conhecimento e tipo de aula/ atividade.	41
16.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de horas da jornada acadêmica por Áreas de Conhecimento e tipo de aula/ atividade.	41
17.	Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de horas da jornada acadêmica em disciplinas que tratam do Conhecimento Identificador da Área de Educação Física e tipo de aula/ atividade.	42

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Siglas e Abreviaturas	Significado
CBRS	Confederação Brasileira de Rope Skipping – Pular Corda
CEG	Comissão de Ensino de Graduação
DMT	Duplo Mini-trampolim
FE	Faculdade de Educação
FEF	Faculdade de Educação Física
FPG	Federação Paulista de Ginástica
GEPEFE	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar
GGFEF	Grupo de Ginástica Geral da FEF-UNICAMP
GGU	Grupo Ginástico Unicamp
GPGG	Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da FEF-UNICAMP
ISCA	International Sport and Culture Association
MTR	Mini-trampolim
SESC	Serviço Social do Comércio
TRA	Ginástica de Trampolim
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
UNIJUMP	Equipe de Rope Skipping da UNICAMP
UNITRAMP	Equipe de Ginástica de Trampolim da UNICAMP

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO (<i>Trajetória acadêmica: experiências, breve memorial, reflexões</i>).....	13
2. MÉTODO	21
3. INVESTIGAÇÃO NARRATIVA (STORYTELLING)	25
A concepção das disciplinas eletivas de Ginástica de Trampolim.....	26
O primeiro ensaio.....	26
Os primeiros problemas.....	26
A condução das disciplinas eletivas de Ginástica de Trampolim.....	28
Inclusão das disciplinas na estrutura curricular da FEF-UNICAMP.....	28
Uma nova interface curricular.....	29
Síntese dos acontecimentos.....	30
4. DISCUSSÃO	33
Matrística.....	33
Formação de Professores.....	34
Experiências Corporais (<i>Erfahrung</i>).....	36
Sobre Currículo e Interface Curricular: matriz para o corpo aprender a fazer e aprender a ensinar.....	38
5. CONSIDERAÇÕES	45
Algumas inferências	
Protagonismo e corresponsabilidade.....	46
Um novo paradigma curricular espiralado (não-linear).....	46
Potencialização das disciplinas de graduação.....	47
Extensão universitária, remuneração discente e docente.....	47
O exercício de papéis dinâmicos (aluno, monitor, professor).....	48
Generalização para outras disciplinas práticas, ou com demandas similares, de Educação Física ou de outras áreas.....	48
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE	55
A - Planejamento das atividades das disciplinas.....	56
B – Programa da Disciplina EF937 – Tópicos Especiais em Educação Física II: Ginástica de Trampolim I	61
C - Programa da Disciplina EF940 – Tópicos Especiais em Educação Física V: Ginástica de Trampolim II.....	62

*Tu me dizes, eu esqueço.
Tu me ensinas, eu lembro.
Tu me envolves, eu aprendo.
(Benjamin Franklin)*

1. INTRODUÇÃO

(Trajetória acadêmica: experiências, breve memorial, reflexões)

Elaborar uma dissertação de mestrado requer o cumprimento de uma intensa etapa acadêmica, e esta, imbricada às demais obrigações da vida em sociedade. Apresentar a trajetória desse processo vivido é delimitar o marco histórico do próprio autor para, em síntese, contextualizar o resultado de sua jornada.

A produção de uma pesquisa se inicia a partir de questionamentos e reflexões acerca de um tema, via de regra determinado por motivações do pesquisador. Preliminarmente ao texto que será posto à apreciação, avalio importante uma apresentação, providencialmente em primeira pessoa, de alguns motivos e trajetórias que foram seguidas para que esta pesquisa tomasse corpo.

Posso afirmar que fui uma criança privilegiada no tocante às atividades corporais, à exceção do futebol, que nunca me atraiu. Natação, judô, tênis de mesa, ginástica artística, tênis, vôlei, handebol, atletismo, andar de bicicleta, pular corda, jogos e brincadeiras dos mais diversos, inclusive “na rua com a turma do bairro” numa época ainda possível na cidade de São Paulo, compuseram meu repertório anterior à graduação.

O basquete, propositadamente não incluso no parágrafo anterior, também ocupou uma posição especial em minha formação, na adolescência. Quando tive meu ápice de crescimento aos quatorze anos, me encontrei pivô do time escolar, e fui convidado já como ala para o Clube de Regatas Tietê em São Paulo, e dos quinze aos dezessete anos joguei pela cidade de Barretos/SP. No auge de meu envolvimento, treinava sete horas por dia de segunda a sexta, participando de uma a outra categoria da cidade, masculina, feminina, juvenil ou adulta, nesta adotado como mascote.

Tive convites para integrar equipes nas cidades de Jundiaí, São Carlos e Casa Branca. Entretanto meu pai era contra, com o argumento de que poderia seguir carreira de jogador após entrar na universidade. Com esse relato, poderia ser entendido que a modalidade basquetebol me motivou a cursar Educação Física.

Mas não me motivou. O meu real interesse era o conjunto das práticas que vivi, com prazer, e o desejo de passá-lo adiante como professor. Vim em busca do estudo do corpo, do movimento, de suas expressões, e ansiava encontrá-lo.

Durante minha graduação, observava meus pares para aprender meios de desenvolver e aprimorar minha atuação acadêmica e profissional. Ficava intrigado em perceber como eram distintos os caminhos trilhados e as escolhas de meus colegas de classe, de meus veteranos e dos calouros.

Costumava nessa observação, identificar o envolvimento acadêmico de meus pares. Os princípios e valores, os interesses pela vida universitária, a intensidade de usufruir o potencial de conhecimentos e experiências disponível em uma instituição pública e gratuita, como a Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Essa característica se deve, em parte, à herança de uma motivação familiar. Acadêmicos, pude reconhecer desde cedo pelo contato com suas memórias, a legítima deferência ao lugar que transformou inexoravelmente suas vidas, dotando-lhes de conhecimento, senso crítico e espírito desbravador. O princípio de maximizar as experiências acadêmicas que me acompanhou por toda a trajetória profissional, aprendi com meus pais.

Ao ingressar em 1995 na UNICAMP, no curso de Educação Física, tive a satisfação de encontrar um curso que oferecia múltiplas opções de formação durante a graduação, como as modalidades Licenciatura, Bacharelado em Treinamento em Esportes e Bacharelado em Recreação e Lazer. Estas modalidades eram vinculadas a uma política de incentivo às pesquisas de iniciação científica e aos projetos de extensão universitária. Contava com professores doutores e tecnologia de ponta, com laboratórios e redes de computadores de última geração, espaços privilegiados das salas de aula, bibliotecas, centros de convivência, restaurante universitário, entre outros, assim como ofertas e oportunidades abundantes para crescimento pessoal e coletivo.

Tantas eram as ofertas, e tão desafiadoras, que era difícil organizar a agenda de compromissos. Ora, como é de comum saber, não há nada de novidade no meio acadêmico das instituições públicas sobre o discurso que incentiva e chancela a assistência pró-ativa às aulas: a participação em movimentos estudantis como centros e diretórios acadêmicos, empresas juniores e associações atléticas; a representação discente nas instâncias representativas da universidade; a elaboração de projetos de iniciação científica; o envolvimento em grupos de pesquisa e em

atividades de extensão universitária e comunitária; a participação em congressos e eventos da área; e a escolha de disciplinas em outras faculdades e institutos.

Posso dizer que cumpri plenamente essa cartilha parafraseando um grande mestre¹, “modéstia às favas, com louvor”, já que esse comprometimento em desvendar o ambiente e de mobilizar grupos e pessoas para o movimento de nossa área, a Educação Física, é o principal legado que durante meu curso de graduação, consegui apreender e acomodar.

Contudo, percebi que grande parte de minha formação foi extraclasse, principalmente o currículo de minha formação corporal. Foram significativamente as atividades de extensão – e não as de salas de aula – que me concederam a oportunidade de desafiar sensivelmente o meu corpo.

As experiências corporais da Ginástica Geral junto ao Grupo de Ginástica Geral da FEF da UNICAMP (GGFEF) e posteriormente do Grupo Ginástico UNICAMP (GGU) e, por conseguinte, o Grupo de Pesquisa em Ginástica Geral da UNICAMP (GPGG), fazem parte de mim. Com o GGU construí grande parte de minha identidade pessoal e profissional, tendo a oportunidade de apresentar as pesquisas corporais no Chile, Argentina, Portugal, Espanha, Itália, Suécia e Dinamarca, além de inúmeras cidades do Brasil. Em 2003 fui contemplado, via GGU, com uma bolsa de estudos para um intercâmbio de quatro meses na Dinamarca na International Academy of Physical Education de Ollerup pela International Sport and Culture Association (ISCA), e com bolsa complementar do Serviço Social do Comércio (SESC).

Nesta jornada o Rope Skipping foi mais uma prática corporal que me capturou. Pela simplicidade estrutural e pelos desafios de uma releitura do tradicional modo de pular corda, fiz cursos internacionais e auxiliei a Prof^a Ana Sato na fundação da primeira equipe do Brasil, a UNIJUMP – Equipe de Rope Skipping da UNICAMP. Juntos, organizamos o grupo Corda de Rua, projeto com a empresa The Coca-Cola Company, e hoje, expandimos a atuação com a fundação da Confederação Brasileira de Rope Skipping – Pular Corda (CBRS), da qual sou Secretário Geral.

Porém, essas atividades eram apenas uma fração de meu currículo, pois havia muito mais a ser in(corpo)rado.

¹ Devo minha primeira escolha de formação acadêmica, o bacharelado em Recreação em Lazer, ao meu principal mentor desta área e, maior usuário da expressão acima devido à sua notável competência, Prof. Dr. Nelson Carvalho Marcelino. (N.A.)

Lembro-me, como se fosse há cinco minutos, da minha visão quando entrei pela primeira vez no ginásio da faculdade e me deparei com um grupo de praticantes de Ginástica de Trampolim (TRA). Prestes a completar dezoito anos em março de 1995, até então não sabia da existência da modalidade e nem de seus aparelhos constituintes.

Sendo corpo, minha reação foi memorável. Senti meu corpo reagir à adrenalina, os batimentos cardíacos perderem o compasso enquanto o meu passo apertava para me aproximar da novidade. Era de uma estética singular as formas corporais projetadas no ar àquelas alturas.

Um novo caminho se abriu para mim. A partir de então, desafiei meu corpo para desbravar, à época, o Trampolinismo, atual Ginástica de Trampolim.

Lentamente, a prática foi in(corpo)rada como cultura. O prazer desse novo conhecimento proporcionou-me muitas conquistas. Com a aproximação, orientação e suporte do Prof. Dr. Jorge Pérez, a fundação da UNITRAMP – Equipe de Ginástica de Trampolim da UNICAMP (1997) pode ser viabilizada e em cinco anos de extensão universitária atendeu mais de trezentas pessoas, entre crianças e adultos, da universidade e comunidade do entorno. Tive a deliciosa tarefa de contagiar meus alunos a transcenderem suas próprias existências tendo como pretexto as experiências acrobáticas.

Como temporão e sem a menor pretensão de me tornar atleta de rendimento, aventurei-me nos meandros da Ginástica de Trampolim e, para minha surpresa, obtive títulos individuais na modalidade. Fui Campeão Universitário Paulista (UNESP Rio Claro, 1997) e Vice-campeão (USP, 1999), Vice-Campeão Paulista pela Federação Paulista de Trampolim e Esportes Acrobáticos (Guarulhos, 2000), Campeão Universitário Nacional (FIG, 2001) e a mais memorável, obtive a 10ª colocação no “Trampolin IDHM’2000” – Campeonato Internacional Universitário Alemão de Trampolim sendo considerado o melhor atleta não-federado (Hannover, 2000).

A participação nessa última competição foi viabilizada a partir de uma parceria com a UNESP Rio Claro, graças à Prof.^a Monica Brochado, que cedeu o local para treinamento e custeou as taxas de inscrição; do apoio da Cia. Aérea Lufthansa com desconto de dois terços de cada passagem aérea, assim como o apoio da Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Comunitários da UNICAMP que concedeu duas passagens aéreas integrais. Esta foi minha primeira experiência profissional como técnico ao treinar e levar quatro trampolinistas da UNITRAMP para uma

competição internacional, fato que resultou numa carta de reconhecimento da Reitoria da UNICAMP aos nossos trabalhos desenvolvidos.

Interessante o desdobrar dessa in(corpo)ração, que me levou a um curso de arbitragem e pelo qual obtive brevê de Árbitro Estadual de Ginástica de Trampolim para o Ciclo Olímpico 2000-2004. Foi este curso que me aproximou da Federação Paulista de Ginástica (FPG) e gerou um inesperado convite para me tornar membro do Comitê Técnico de Ginástica de Trampolim da FPG, algo, para um trampolinista amador, digno de celebração.

É chegada a hora de encerrar o ciclo da graduação. O meu corpo, quem sou, com todas as marcas dos caminhos percorridos, com todas as experiências incorporadas, assumiu outras atividades laborais, no SESC, entidade na qual ingressei em 2002 e permaneço até os tempos de agora.

Todavia, essa trajetória aprendiz foi factível pela intervenção e presença de grandes mestres. Por ela, relações foram criadas, aproximadas, e distanciadas, extintas.

Das mais significativas, foi a edificação da relação acadêmica, profissional e pessoal com o Prof. Jorge Pérez. Diria, que tive como preceptor. Construímos uma relação de respeito, confiança e suporte mútuo, mas com tantos anos de experiências nas costas, ele (quase) sempre levou a melhor. Devo a ele boa parte dos valores humanos de sua proposta da Ginástica Geral desenvolvida no GGU e a iniciação à Ginástica de Trampolim.

É por incentivo do Prof. Jorge o meu ingresso no programa de Pós-Graduação na FEF-UNICAMP e a conclusão da licenciatura, condição ímpar para ser admitido e orientado por ele.

Num primeiro momento, o Prof. Jorge vislumbrava a possibilidade de aproveitar as minhas experiências curriculares em atividades não-obrigatórias para o currículo formal. Em tempo, meu interesse era desenvolver uma disciplina de Ginástica de Trampolim.

Juntos, rascunhamos, divergimos e argumentamos a respeito de uma pesquisa que fosse desenvolvida em três fundamentos articulados.

Primeiro, que sintetizasse uma proposta de ambiente matrístico para experiências de formação humana (desenvolvimento de valores) e capacitação (desenvolvimento de habilidades). (MATURANA & DE REZEPKA, 1995)

Segundo, que considerasse o campo do *fazer*, da *ação*, do *movimento*, para nunca nos esquecermos do corpo e, assim sendo, lembrarmos da Educação Física, por esta ter o seu sentido de ser calcado na *prática*.

Nesta linha, importante foi conhecer os trabalhos de Émile Jaques-Dalcroze (1865-1950), músico e compositor, criador da Rítmica, um sistema de educação musical que integra ritmo musical e expressividade do gesto que ganhou uma visibilidade internacional e atravessou o tempo integrando música, dança, teatro, ginástica e educação física.

Para ilustrar o sentido da prática, na introdução do segundo caderno didático da Rítmica, publicado em 1917, Jaques-Dalcroze nos apresenta uma síntese de seu pensamento:

“Antes de semear o trigo é preciso preparar o terreno. Exatamente o contrário do que se faz nas escolas e conservatórios. E ao que concerne especialmente à música, coloca-se um instrumento nas mãos da criança antes que ela saiba o que deveria fazer com ele. Ensina-se a tocar piano antes que ela saiba ouvir as sonoridades, antes que ela experimente os ritmos com a inteireza do seu organismo, antes que ela possua uma audição interior dos sons e um sentimento interior do movimento, antes que seu organismo esteja em condições de vibrar em uníssono com as emoções artísticas. O objetivo do meu ensino é permitir que os meus alunos digam, ao final de seus estudos, não apenas “eu sei”, mas “eu sinto”, e depois, cultivar neles um desejo de auto-expressão.” (1917, p.viii apud MADUREIRA, 2008)

Terceiro, que considerasse o compromisso com a formação de professores-pesquisadores, pressuposto *sine qua non* das atividades do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Física Escolar (GEPEFE). Nessa linha, somos consoantes com Antonio Joaquim Severino e Moacir Gadotti:

“O ensino superior, tal qual se consolidou historicamente, na tradição ocidental, visa atingir três objetivos, que são obviamente articulados entre si. O primeiro objetivo é o da formação de profissionais das diferentes áreas aplicadas, mediante o ensino/aprendizagem de habilidades e competências técnicas; o segundo objetivo é o da formação do cientista mediante a disponibilização dos métodos e conteúdos de conhecimento das diversas especialidades do conhecimento; e o terceiro objetivo é aquele referente à formação do cidadão, pelo estímulo de uma tomada de consciência, por parte do estudante, do sentido de sua existência histórica, pessoal e social. Neste objetivo está em pauta levar o aluno a entender sua inserção não só em sua sociedade concreta, mas também no seio da própria humanidade. Trata-se de despertar no estudante uma consciência social, o que se busca fazer mediante uma série de mediações pedagógicas presentes nos currículos escolares e na interação educacional que, espera-se, ocorra no espaço/tempo universitário.” (SEVERINO, 2007, p.22)

“Pensamos num novo professor, mediador do conhecimento, sensível e crítico, aprendiz permanente e organizador do trabalho na escola, um orientador, um cooperador, curioso e, sobretudo, um construtor de sentido.” (GADOTTI, 2000, p.45)

Registro que, tendo cursado várias disciplinas da Pós-Graduação na FEF-UNICAMP, cumpri as exigências da área de concentração Educação Física e Sociedade, em especial da linha de pesquisa Educação Física Escolar. Na Faculdade de Educação (FE) da UNICAMP, uma das disciplinas mais significativas para a orientação de minha pesquisa foi “Educação Superior e o Estudante Universitário”, que contribuiu para a compreensão das características dos estudantes do ensino superior e de suas experiências de formação.

E também que a primeira das duas etapas do ciclo de escrita da dissertação propiciou significativas orientações pela banca de qualificação, o que foi essencial na busca de validação do caráter científico do presente trabalho, dotando-o de novas significações.

Com esta introdução se pretendeu situar o processo vivenciado pelo pesquisador e seu orientador e, nas próximas páginas serão contempladas as informações relativas à construção do objeto de pesquisa, o método escolhido, suas discussões e reflexões.

*“Eu poderia viver recluso numa casca de noz
e me considerar rei do espaço infinito...”*
– Hamlet, Ato 2, Cena 2
(W. Shakespeare)

2. MÉTODO

Para estabelecer o referencial teórico desta pesquisa, que lida com uma realidade social, algumas delimitações se fazem necessárias.

Como pesquisa social, portanto de abordagem qualitativa, neste trabalho está superada a obsessão pela objetividade em relação à neutralidade, posto que não haja como eximir apenas ao cientista a noção de sujeito. (DEMO, 2006, p.23)

De fato há que ser considerado, ainda segundo Demo (2006, p.24-27):

- A realidade a qual observamos é reconstruída por nós a todo instante, subjetivamente;
- Sujeito neutro em si é uma contradição terminológica;
- Neutralidade implica em uma tomada de posição;
- Instrumentos de captação da realidade estão contaminados por compromissos teóricos implícitos;
- Objetivação, ao invés de objetividade, reconhece nossa condição interpretativa de captar e reconstruir a realidade, inviabilizando representações de forma indireta, como se nossa mente fosse apenas espelho refletor;
- No fluxo interpretativo, a conclusão da argumentação configura-se como inexequível porque vale-se de componentes ainda não argumentados.

Nesta perspectiva, para fins de delimitação de um estudo de caso, analisou-se um conjunto de nove disciplinas eletivas para estudantes de graduação de Educação Física, previstas no novo currículo da FEF-UNICAMP e oferecidas no período de agosto de 2006 a novembro de 2008, cujas características específicas serão discriminadas ao longo do trabalho.

Um caso, de acordo com STAKE, “is not a methodological choice but a choice of what is to be studied” (2000, p.435), ou seja, não é uma escolha metodológica, mas a escolha do que será estudado. Como forma de investigação, estudo de caso é definido pelo interesse em

casos individuais e não pelos métodos de investigação utilizados, é simultaneamente um processo de inquérito sobre o caso e o produto desse inquérito. O estudo de caso objetiva esmiuçar e relatar uma unidade e implica numa análise particular e aprofundada de um fenômeno. Esse tipo de investigação se caracteriza por ser uma pesquisa descritiva, interpretativa e que, em razão de sua particularidade, não tem características de generalizações.

Stake identifica três tipos de estudo de caso, a saber: o intrínseco, o instrumental e coletivo. Sobre o primeiro, esclarece:

“I call a study an intrinsic case study if it is undertaken because, first and last, the researcher wants better understanding of this particular case. Here, it is not undertaken primarily because the case represents other cases or because it illustrates a particular trait or problem, but because, in all its particularity and ordinariness, this case itself is of interest. The researcher at least temporarily subordinates other curiosities so that the stories of those "living the case" will be teased out. The purpose is not to come to understand some abstract construct or generic phenomenon, such as literacy or teenage drug use or what a school principal does. The purpose is not theory building — although at other times the researcher may do just that.”² (2000, p.437)

Como qualquer investigação, um estudo de caso possui uma estrutura conceitual, geralmente organizada em torno de um número pequeno de questões a serem pesquisadas. Estas perguntas não são focadas apenas na obtenção de informações, mas também em questões ou linhas temáticas. No caso desta pesquisa, são três as questões analisadas:

1. Como criar um ambiente matrístico³ para experiências de formação humana (desenvolvimento de valores) e capacitação (desenvolvimento de habilidades)?
2. Como (re)considerar a presença do corpo na Educação Física e permitir o exercício de experiências sensíveis?
3. Como contribuir para a formação de professores-pesquisadores que atuem na escola?

² Tradução livre do inglês: “Eu chamo um estudo de caso intrínseco se ele é realizado porque, primeiro e último, o pesquisador busca o melhor entendimento deste caso particular. Aqui, ele não é realizado apenas porque pode representar outros casos, ou porque ilustra um traço ou problema particular, mas porque, em suas particularidades e simplicidade, o caso em si é de interesse. O pesquisador, pelo menos temporariamente, subordina outras curiosidades para que as histórias das pessoas que "vivem o caso" sejam incrementadas. O propósito não é vir a entender algum constructo abstrato ou fenômeno genérico, tal como a alfabetização ou o uso de drogas na adolescência ou o que um diretor de escola faz. O objetivo não é a construção de teorias - embora em outras condições o pesquisador possa fazer exatamente isso.”. (N.A.)

³ Ver p.32

Como estratégia de análise foi escolhida a *Storytelling*, investigação narrativa, linha de trabalho baseada na representação cultural e texto sociológico⁴. A narrativa da investigação foi construída, por critério de objetivação do pesquisador, a partir da observação direta e indireta do caso estudado, caracterizando a pesquisa como estudo de caso intrínseco do tipo etnográfico.

⁴ Clandinin & Connelly, 1999; Ellis & Bochner, 1996; Lockridge, 1988; Richardson, 1997; ver também no Journal of Narrative and Life History apud Stake, 2000 p.441.

“A investigação científica não termina com os seus dados; ela se inicia com eles. O produto final da ciência é uma teoria ou hipótese de trabalho e não os assim chamados fatos.”
(G. H. Mead. *The Philosophy of the Act*. p. 93)

3. INVESTIGAÇÃO NARRATIVA (*STORYTELLING*)

Para situar o contexto da investigação, uma pequena introdução. De agosto de 2006 a novembro de 2008, nove disciplinas eletivas de graduação foram oferecidas e cursadas por estudantes de graduação da FEF-UNICAMP (cf. quadro 01).

O processo de elaboração das disciplinas, anterior aos seus oferecimentos de fato, foi desenvolvido a partir de uma experiência piloto. Por critério de facilidade e domínio do tema pelo pesquisador e seu orientador, foi selecionado o conteúdo da cultural corporal Ginástica de Trampolins.

Os desdobramentos registrados na observação direta e indireta a partir desta experiência piloto se limitarão apenas à contextualização dos fatos descritos neste capítulo, dando espaço para serem analisados e discutidos no capítulo posterior.

2006		2007		2008	
1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre
-	MH 930 Prática Aplicada em Ginástica	-	-	-	-
-	-	EF 937 Tópicos Especiais em Educação Física II	EF 937 Tópicos Especiais em Educação Física II	EF 937 Tópicos Especiais em Educação Física II	EF 937 Tópicos Especiais em Educação Física II
-	-	EF 940 Tópicos Especiais em Educação Física V	EF 940 Tópicos Especiais em Educação Física V	EF 940 Tópicos Especiais em Educação Física V	EF 940 Tópicos Especiais em Educação Física V

Quadro 01. Disciplinas eletivas de graduação que compõe o estudo de caso.

A concepção das disciplinas eletivas de Ginástica de Trampolim:

O primeiro ensaio

A disciplina MH 930 – Prática Aplicada em Ginástica foi oferecida no 2º semestre de 2006 tendo a configuração de uma disciplina-piloto que tinha por eixo principal a exploração de vivências do corpo no ar.

Nos encontros, realizados às segundas-feiras das 17h às 19h, totalizando duas horas de atividades semanais, foi dado enfoque eminentemente prático, desafiando os alunos a experimentarem o corpo em situações ginásticas e acrobáticas, em dinâmicas de circuito em cinco estações por aparelhos, a saber: mini-trampolim, duplo-mini, trampolim acrobático, solo, argolas em movimento e mesa alemã.

A condução foi realizada exclusivamente pelo professor responsável pela disciplina, sem professores-auxiliares e/ou bolsistas de apoio didático, num período de 15 encontros. Constante no programa de curso, para fins de avaliação da disciplina, era preciso atingir a frequência mínima de 75% e elaborar uma apresentação de ginástica com os resultados obtidos durante as aulas. Todos os alunos tiveram elevada assiduidade e compuseram coreografia de ginástica, apresentando-a no Festival “Coisas da FEF”⁵, sendo que todos foram bem avaliados e aprovados.

Os primeiros problemas

A concepção e organização de outros dois programas de curso foram aprimorados a partir dos resultados práticos obtidos na disciplina MH 930, com alguns encaminhamentos de questões que circundavam os pesquisadores:

- Como, além de propiciar vivências, aprofundar o entendimento da prática e possibilitar ações na extensão universitária?
- Como aumentar o número de disciplinas em que sejam possíveis experiências sensíveis da cultura corporal?

⁵ O Festival “Coisas da FEF” é um tradicional evento realizado sempre no final do 2º semestre, destinado a apresentar aos membros da universidade e comunidade local as produções da FEF-UNICAMP. (N.A.)

Em resposta a essas questões foram esboçadas três disciplinas eletivas e sequenciais com distintas características e objetivos para experimentação, conforme ilustram os quadros 02 e 03:

Disciplina do Catálogo	Conteúdo da Cultura Corporal	Característica da Disciplina	Objetivos
A definir	Ginástica de Trampolim 1	Vivência	Vivência de experiências pessoais; Subsídios para aulas de educação física escolar
A definir	Ginástica de Trampolim 2	Prática	Aprofundamento técnico; Subsídios para regência de atividades extra-escolares
A definir	Ginástica de Trampolim 3	Extensão	Envolvimento em atividades de extensão universitária e/ou comunitárias

Quadro 02. Objetivos das disciplinas.

Conteúdo da Cultura Corporal	Característica da Disciplina	Padrão de Comportamento do Educando⁶	Competências do Educando (a serem desenvolvidas)
Ginástica de Trampolim 1	Vivência	Dependência	Produtiva, Pessoal
Ginástica de Trampolim 2	Prática	Colaboração	Social, Produtiva, Cognitiva
Ginástica de Trampolim 3	Extensão	Autonomia	Cognitiva

Quadro 03. Características das disciplinas.

Como pressuposto, a primeira disciplina eletiva seria destinada à vivência de conhecimentos e buscaria dar subsídios ao aluno para transmiti-los em aulas de educação física escolar. Essa disciplina, centrada sobre o conhecimento acumulado do docente, lidaria com o padrão de comportamento do educando no status de dependência.

Em sequência, a segunda disciplina seria destinada à prática, propondo aprofundamento técnico e o envolvimento na organização didático-pedagógica preparando o estudante para regência de atividades extra-escolares. O padrão de comportamento do educando previsto é a colaboração, após a superação do período de dependência dos saberes do professor na disciplina de vivência.

⁶ COSTA, 1998.

Por último, a terceira disciplina⁷ trataria do voluntário de atividades de extensão universitária e/ou comunitárias. O terceiro padrão de comportamento do aluno prevê status de autonomia.

A condução das disciplinas eletivas Ginástica de Trampolim:

Inclusão das disciplinas na estrutura curricular da FEF-UNICAMP

O novo currículo em vigor desde 2006 da FEF-UNICAMP possui disciplinas denominadas “Tópicos Especiais em Educação Física”, à época de sua implantação no total de dez, conforme codificação abaixo:

- EF936 Tópicos Especiais em Educação Física I
- EF937 Tópicos Especiais em Educação Física II
- EF938 Tópicos Especiais em Educação Física III
- EF939 Tópicos Especiais em Educação Física IV
- EF940 Tópicos Especiais em Educação Física V
- EF941 Tópicos Especiais em Educação Física VI
- EF942 Tópicos Especiais em Educação Física VII
- EF943 Tópicos Especiais em Educação Física VIII
- EF944 Tópicos Especiais em Educação Física IX
- EF945 Tópicos Especiais em Educação Física X

A ementa de todas as disciplinas supracitadas é padrão, e em seu conteúdo consta de forma propositalmente genérica:

“Desenvolvimento de Temas e Projetos em Educação Física. O curso terá seu programa definido pelo(s) docente(s) responsável(is) e aprovado pela Comissão de Ensino de Graduação (CEG) da Faculdade de Educação Física.” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, 2010)

⁷ Inicialmente prevista no planejamento desta pesquisa, o oferecimento da terceira disciplina não foi realizado e não fará parte do conteúdo de análise deste trabalho. (N.A.)

Esse conjunto de dez disciplinas não faz parte das disciplinas curriculares obrigatórias ou das denominadas “optativas obrigatórias”⁸, fazendo que com esta condição seja viável o oferecimento de novos conteúdos não previstos no perfil do currículo padrão.

Duas disciplinas eletivas denominadas “Ginástica de Trampolim 1: Vivência” e “Ginástica de Trampolim 2: Prática” foram submetidas e aprovadas pela CEG, sendo seus respectivos códigos identificadores e disciplinas atreladas (cf. quadro 04, apêndice B e C):

- EF937 Tópicos Especiais em Educação Física II - Ginástica de Trampolim 1: Vivência;
- EF940 Tópicos Especiais em Educação Física V - Ginástica de Trampolim 2: Prática.

Contudo, duas questões técnicas não haviam sido resolvidas: Se para cada disciplina de vivência houvesse uma disciplina de prática, como não impactar longitudinalmente o currículo em sua duração? Como não esvaziar turmas por um eventual *boom* em disciplinas ofertadas?

	2007		2008	
	1º semestre	2º semestre	1º semestre	2º semestre
Disciplina EF 937	Ginástica de Trampolim 1: Vivência	Ginástica de Trampolim 1: Vivência	Ginástica de Trampolim 1: Vivência	Ginástica de Trampolim 1: Vivência
Disciplina EF 940	Ginástica de Trampolim 2: Prática	Ginástica de Trampolim 2: Prática	Ginástica de Trampolim 2: Prática	Ginástica de Trampolim 2: Prática

Quadro 04. Cronograma de oferecimento das disciplinas.

Uma nova interface curricular

Segundo definição do dicionário HOUAISS (2001), interface é “elemento que proporciona uma ligação física ou lógica entre dois sistemas ou partes de um sistema que não poderiam ser conectados diretamente”.

Com a liberdade das disciplinas Tópicos Especiais em Educação Física proporcionada pelo novo currículo da FEF-UNICAMP, um dispositivo diferenciado possibilitou a experimentação de uma interface diferenciada: do oferecimento de duas disciplinas *distintas*

⁸ Conjunto de doze disciplinas eletivas de Conhecimentos Aplicados a Ed. Física, dentre as quais o estudante deverá cursar como requisito para conclusão da graduação, no mínimo dez. (N.A.)

com supervisão do *mesmo* docente em *espaço* e *horário concomitantes*. Ou seja, no mesmo lugar e horário, duas disciplinas *diferentes* com duas turmas de estudantes *diferentes*, mas ambas com o *mesmo* professor (vide quadro 05).

Ano	2006	2007		2008	
Semestre	2º	1º	2º	1º	2º
Professor	Jorge Pérez	Jorge Pérez	Jorge Pérez	Jorge Pérez	Jorge Pérez
Local e horário	Ginásio, 17h às 19h	Ginásio, 17h às 19h	Ginásio, 17h às 19h	Ginásio, 17h às 19h	Ginásio, 17h às 19h
Disciplina	Ginástica de Trampolim 1	EF 940 Ginástica de Trampolim 2	EF 937 Ginástica de Trampolim 1	EF 940 Ginástica de Trampolim 2	EF 937 Ginástica de Trampolim 1
Alunos	Grupo A	Grupo A	Grupo C	Grupo C	Grupo E
Disciplina	-	EF937 Ginástica de Trampolim 1	EF 940 Ginástica de Trampolim 2	EF937 Ginástica de Trampolim 1	EF 940 Ginástica de Trampolim 2
Alunos		Grupo B	Grupo B	Grupo D	Grupo D

Quadro 05. Interface curricular.

Síntese dos acontecimentos

Para a condução das atividades, os alunos das turmas envolvidas foram notificados a respeito da experimentação da interface curricular, dos programas das disciplinas e dos papéis diferenciados que assumiriam nas disciplinas EF 937 e EF940.

Os estudantes aprovados na disciplina MH930 foram orientados e puderam se matricular na disciplina Ginástica de Trampolim 2. O conceito de que assumiriam um papel de colaboradores e teriam experiências de como aprender a ensinar foi bem vista e acolhida.

Os conteúdos das aulas de Ginástica de Trampolim previstos no planejamento foram desenvolvidos em sua integralidade em todos os semestres de 2007 e 2008, com a característica de que o movimento corporal é o maior registro a ser observado.

A organização dos conteúdos foi oferecida em circuito de cinco estações, contemplando o uso do solo, do mini-trampolim, da mesa alemã, das argolas em movimento e dos trampolins acrobáticos, visando maior dinâmica e otimização do espaço e tempo disponível de aula (apêndice A).

Todas as atividades do circuito eram explicadas e demonstradas previamente ao rodízio nas estações. Embora todos ouvissem a explicação completa, o professor direcionava as tarefas e objetivos de cada estação para os alunos de vivência, e as formas de segurança, proteção, ensino e avaliação aos alunos de prática.

Os desafios corporais colocados em ação respeitavam rigidamente normas de segurança. Nenhum aluno poderia realizar movimento acrobático sem o devido suporte e equipamento/ orientação adequada.

Em algumas situações foi observada mistura de papéis decorrentes do envolvimento nas atividades. Embora responsáveis pela colaboração no aprendizado dos alunos de vivência, os alunos de prática muitas vezes se sentiam impelidos a estender suas vivências anteriores e inverter papéis, ocorrência contornada pelas orientações do professor.

De fato, era observado que de acordo com o acúmulo de conhecimentos vivenciais, os alunos de vivência e prática se revezavam nos papéis, demonstrando que o processo de aprender a conhecer e o aprender a fazer não acontecem de maneiras estanques.

Em todos os semestres, as turmas elaboraram coreografias de ginástica de trampolim para apresentação nos festivais da FEF, o Festival Interno de Ginástica Geral⁹ e o Festival Coisas da FEF como requisito de avaliação da disciplina, e demonstraram regularidade na assiduidade e uma preocupação em prestar contas em eventuais ausências.

Uma das características observadas no experimento da interface curricular foi certa dificuldade de feedback aos alunos de prática durante os encontros. Isso se dá pelo fato de não haver momento formal prévio ou posterior para conversa com o docente da disciplina, que necessita dosar atenção aos alunos da vivência. Como a disciplina prevê duas horas de atividades em sala e duas horas de estudo, essas últimas poderiam ser direcionadas para encontros de orientação e avaliação, deste modo solucionando de forma satisfatória momentos para feedback.

Por fim, os objetivos propostos das duas disciplinas foram atingidos, no tocante à vivência de conhecimentos da cultura corporal, com informações e experiências em quantidade e profundidade suficiente para uso em espaço escolar.

Em relação aos alunos de prática, foi possível observar pela adesão e participação em aula a corresponsabilidade no suporte ao docente e aprendizado de seus colegas, que puderam exercitar o aprender a fazer, o aprender a viver juntos.

A demonstração pública dos resultados das aulas nos festivais reforça essa tese, devido ao fato de histórico predominante de alunos não ginastas nas turmas e ausência de acidentes e lesões durante todos os períodos letivos.

⁹ Diferentemente do Festival “Coisas da FEF”, este festival anual ocorre ao término do primeiro semestre e é destinado a mostrar os resultados das disciplinas de ginástica que acontecem no período à comunidade universitária. (N.A.)

*“Numa época em que, em todos os domínios do saber,
procuramos conhecer-nos melhor, não há como não ficar impressionado
com a ignorância em que nos encontramos ainda
a respeito do nosso corpo, de todo o nosso organismo,
do ponto de vista estético.”
(APPIA, s/d, p.183)*

4. DISCUSSÃO

Ao revisitar a introdução desta dissertação, é possível resgatar três eixos norteadores para análise. A síntese de uma proposta de ambiente matrístico que lidasse com experiências de formação humana e capacitação, o compromisso com a formação de professores, experimentada em nove disciplinas eletivas de graduação na FEF-UNICAMP que tivesse experiências corporais como eixo central.

Matrística

Por Matrística, entende-se como

"(...) uma cultura na qual a mulher tem uma presença mística que implica a coerência sistêmica de aconchego, fora do autoritarismo e do poder hierárquico. Esse conceito é contrario a palavra matriarcal, significando esta última, o mesmo que o conceito patriarcal, em uma cultura na qual as mulheres têm o rol dominante. O conceito matrística é usado para referir-se a uma cultura na qual, homens e mulheres podem participar de um modo de vida centrado na cooperação sem lutas de poder, precisamente porque a figura feminina representa a consciência não hierárquica do mundo natural à qual pertencemos os seres humanos, em uma relação de participação e confiança. (...) O pensamento matrístico, pelo contrário, tem lugar em um contexto de consciência da interconectividade de toda a existência, e, portanto, não pode senão viver continuamente no entendimento implícito de que todas as ações humanas têm sempre conseqüências na totalidade da existência. (LINZMAYER GUTIERREZ, 2008 p.44-45)

Logo, em um ambiente de cultura matrística é permitido o respeito ao outro, as diferenças, a diversidade, desenvolve o princípio de alteridade e equilibra as responsabilidades de modo compartilhado, em cooperação, sem o sentido de dominação. Para o professor, uma atitude matrística é uma orientação corretiva do fazer do aluno preservando sua integridade, seu ser. A respeito da experiência de vivenciar o outro, LAPLANTINE afirma que:

“A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos ‘evidente’. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de ‘natural’. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única.” (2000, p.21)

No ambiente das disciplinas concluídas, foram estabelecidas normas, regras e regulamentos – base para a organização de um grupo social (formação humana), e vivenciados conhecimentos e habilidades de cunho individual e coletivo que servem para uma maior compreensão e convivência dentro da organização social (capacitação) (cf. quadro 06).

	Objetivos	Função do Professor	Aprendizado do Aluno
Formação Humana	Desenvolver valores	Possibilitar um meio ambiente afetivo que permita a vivência de sentimentos e emoções	Valorizar a si, o outro e sua cultura
Capacitação	Desenvolver conhecimentos e habilidades que permitam aumentar as possibilidades de interação.	Fornecer ao aluno um conhecimento que permita o desenvolvimento de habilidades para desenvolver-se na sua sociedade	Dominar conteúdos que lhe permitam viver em sociedade

Quadro 06. Ambiente matrístico para formação humana e capacitação.

Formação de Professores

O desenvolvimento das disciplinas de Ginástica de Trampolim foi centrado na organização coletiva, ao estabelecer o processo de ajuda no processo de aprender a conhecer e aprender a ensinar. Estabeleceu papéis claros aos alunos a respeito de suas funções e comportamentos esperados, dentre os quais o valor do protagonismo com respeito a padrões de relacionamento (dependência, colaboração e autonomia) e o desenvolvimento de um conjunto de competências educacionais de quatro pilares, esperados de um perfil de formação de professores, conforme DELORS:

“A educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: *aprender a conhecer*, isto é adquirir os instrumentos da compreensão; *aprender a fazer*, para poder agir sobre o meio envolvente; *aprender a viver juntos*, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente *aprender a ser*, via essencial que integra as três precedentes. É claro que estas quatro vias do saber constituem apenas uma, dado que existem entre elas múltiplos pontos de contato, de relacionamento e de permuta.” (1996, p.90)

No caso da Educação Física, o lugar para formação de professores é no Ensino Superior. Portanto, elaborar uma proposta de ação específica para a melhoria da formação profissional no ensino superior, esbarra no entendimento de Educação, nas funções e objetivos da Universidade e na concepção de currículo.

Para estabelecer um referencial, a educação aqui é concebida como “a comunicação intergeracional do humano, que exerce influência construtiva nos seres humanos, abrange todos os processos formativos e é parte no processo civilizatório”, sendo parte do humano toda produção de transmissão de conhecimentos, atitudes, valores e habilidades, entendidas como construções sociais¹⁰ (CITE, 2005).

Os processos educativos, ao estabelecer um paralelo com as duas possibilidades do *faber*, a *mimésis* (do grego “repetir tarefas, copiar”) e a *poiésis* (do grego criar, produzir o novo), estão centrados na *mimésis*, já que o sentido de educação perpassa quase que única e exclusivamente a superação das barreiras sociais em busca de melhores oportunidades de sucesso econômico.

A orientação do sistema de ensino fundamentadas em técnicas reprodutivistas, revela o caráter alienante do sistema educacional centrada na mecânica e na convivência com as políticas do capital globalizado. Conforme MONLEVADE e SILVA,

“Na sociedade brasileira, as políticas para a educação pública estão subordinadas aos processos de acumulação de capital expresso na concentração de rendas, riquezas e no insuficiente desenvolvimento social, conjugado com a negação dos direitos sociais fundamentais: educação, saúde, cultura, previdência e habitação. Nas duas últimas décadas, houve uma explícita intervenção externa do Banco Mundial e do Fundo Monetário nas decisões econômicas e socioeducativas do país, avalizada pelo consentimento do governo federal e das elites dirigentes nacionais. (...) Nos anos 80, as políticas macroeconômicas adotadas pelas agências multilaterais têm servido para legitimar políticas sociais antidemocráticas, de subtração de investimentos dos serviços públicos (...) de aniquilamento das conquistas constitucionais; de redução da participação democrática e cidadã, de negação do direito de apropriação de bens culturais e educacionais pelos excluídos (...)” (2005, p.114)

Vive-se a continuidade da mitologia grega de Prometeu e Hércules, respectivamente vinculada à tecnologia dominatória, do fogo como ferramenta de domínio e coerção, e a da tecnologia servil, prestativa à comunidade, ambas em contraposição a promoção e estímulo do pensamento criativo, este, de caráter único e irreprodutível.

Entretanto, existe a possibilidade da *poiésis*. É necessário desenvolver na educação o *faber poiésis*, ou um sentido orientado pela crítica, pela contestação e criação, um sentido outorgado de valores humanos que contemplem a superação das diferenças, que confira

¹⁰ Referência fornecida em palestra proferida pelo Prof. Dr. Antonio Carlos Gomes da Costa, no III CITE, 2005. (N.A.)

as capacidades de análise, de síntese, de interpretação e de acesso ao conhecimento, de saber liderar, ser liderado, coordenar, mediar.

Experiências Corporais (*Erfahrung*)

Desde tempos helênicos, a ginástica constitui-se como base da educação responsável por regular e disciplinar o organismo, além de contribuir para o desenvolvimento de capacidades físicas e de algumas habilidades corporais elementares. A idéia de uma experiência da cultura do corpo e de sua sensibilidade, por sua vez é inspirada no sentido proposto por Walter Benjamin, que apresenta a noção da experiência (*Erfahrung*) como um conceito-chave de sua filosofia. Uma experiência corporal pode ser experimentada como um encontro com a essência mais subjetiva do indivíduo e com os laços que o interligam às memórias da história, do mesmo modo que ler um clássico, ver um filme, pintar um quadro ou escutar uma sinfonia pode ser uma grande experiência filosófica.

O sentido das experiências corporais, portanto, ganha força e consistência se incorporado como conceito-chave da *Erfahrung*, embora num árido campo político da Educação Liberal/Geral de bases filosóficas, conforme explica PEREIRA:

“de fundamentação racional (...) derivada das categorias aristotélicas de pensamento e foi considerada, na Idade Média, as artes para, de forma livre, promover o desenvolvimento e o disciplinamento da mente.” (2007, p.68)

Ainda no campo da Educação Liberal/Geral, é importante lembrar que no pensamento de Aristóteles predominava o pensamento teórico sobre o técnico, pois para ele

“o pensamento teórico é iminente em si mesmo, intrinsecamente excelente e tem como fim conhecer a verdade¹¹ por ela mesma. Já a finalidade da formação técnica não é conhecer, conceituar, mas a habilidade do fazer, do produzir o que para Aristóteles é uma atividade de menor valor (...)”. (PEREIRA, 2007, p.69)

¹¹ Entendida aqui como concepção fundada na razão e não da fé religiosa. (N.A.)

Os valores predominantes da educação liberal na instituição universitária, segundo PRATTE (1971, apud PEREIRA, 2007, p.70), partem de três pressupostos:

- “1. O propósito da educação liberal/geral é formar homens com capacidade de raciocínio gerais e de oferecer uma educação que os capacite para uma variedade de situações;
2. O processo da educação liberal/geral está orientado mais em direção ao entendimento teórico e conceitual do que em direção à transmissão e absorção de fatos e desenvolvimento de habilidades técnicas;
3. O padrão da educação liberal/geral é dirigido para as demandas da excelência acadêmica.”

Embora a Educação Física seja identificada pela cultura corporal, pelo movimento, pelo fazer, a sua validação ainda está atrelada à luta política de significação. Pois embrenhada no tecido dos organismos sociais, está a subjugação das práticas frente ao pensamento, este dotado de real sentido de nobreza e mérito.

Contudo, APPIA nos relata uma experiência singular, junto a seu mestre de Rítmica, Jacques-Dalcroze, que coloca em questão o sentido único das atividades corporais:

“Durante o verão de 1906 foi realizado o memorável primeiro curso normal pelo qual Dalcroze desejava apresentar, em quinze dias, o resultado de suas pesquisas. Todos os participantes imaginavam que o curso iria se constituir numa série de conferências ilustradas através de exercícios realizados pelos alunos. Cada um acreditava que voltaria para casa conhecedor das condições de uso da ginástica rítmica. Muito longe disso, em cinco minutos, Dalcroze nos fez entender que deveríamos participar ativamente dos exercícios para apreender a grande experiência que estava sendo proposta. Todos se recusaram a participar: “Como? O entendimento não basta? O corpo todo tem que se ocupar? Deve-se experimentar esse estranho procedimento em si próprio?” O momento foi cômico e sério ao mesmo tempo. Cada um deveria indispensavelmente compreender que a ginástica rítmica é uma experiência pessoal”. (Appia, 1911, p.143)

Sobre Currículo e Interface Curricular: matriz para o corpo aprender a fazer e aprender a ensinar

Currículo é um dos espaços de construção da sociedade em que se entrecruzam práticas de significação, identidade social e poder, partindo do princípio de que nele travam-se lutas decisivas por hegemonia, predomínio, definições e domínio de processos de significação.

De acordo com SILVA, currículo:

“é lugar, espaço, território. O currículo é relação de poder. O currículo é trajetória, viagem, percurso. O currículo é autobiografia, nossa vida, curriculum vitae: o currículo se forja nossa identidade. O currículo é texto, discurso, documento. O currículo é documento de identidade.” (1999, p.150 apud GADOTTI, 2000; NEIRA & NUNES, 2006)

A proposição da interface deste estudo de caso resolveu de uma forma peculiar uma das questões-problema apresentadas: a não extensão longitudinal do currículo em disciplinas eletivas de prática. Por outro lado, resvalou na mudança de papéis de alunos, professor e configuração do ambiente da aula, que pôde ser administrada com os princípios da matrística e da noção de *Erfahrung*.

Ao analisar a nova configuração do currículo de Licenciatura em Educação Física diurno da FEF-UNICAMP do catálogo de 2006, organizado em doze eixos temáticos com carga horária total de 3225 horas, foi possível elaborar os seguintes quadros¹²:

¹² **Legenda:**

T = Horas-aula semanais de teoria;

P = Horas-aula semanais de prática;

L = Horas-aula semanais de laboratório;

O = Atividades semanais orientadas;

D = Atividades semanais à distância;

E = Horas semanais de estudos;

HS = Horas-aula semanais;

SL = Horas-aula semanais em sala;

C = Créditos da disciplina, relativos a um período letivo de quinze semanas.

Obs.: na Unicamp, a medida do trabalho escolar dos Cursos de Graduação é o crédito, que corresponde a 15 (quinze) horas de atividade/aula ou atividades acadêmicas supervisionadas, e o número de horas-aula semanais é igual ao número de créditos.

Área de Conhecimento: Biológicas e Exatas										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
BA110	Anatomia Humana I	1	3	0	0	0	0	4	4	4
EF 109	Socorros e Urgências	2	2	0	0	0	0	4	4	4
BB110	Bioquímica	1	3	0	0	0	0	4	4	4
BA210	Anatomia Humana II	1	3	0	0	0	0	4	4	4
BF310	Fisiologia Humana I	3	0	0	0	0	0	3	3	3
EF309	Cinesiologia	2	0	2	0	0	0	4	4	4
BF410	Fisiologia Humana II	3	0	0	0	0	0	3	3	3
EF411	Biomecânica	3	0	1	0	0	0	4	4	4
EF412	Fund. Neurofuncionais do Mov. Humano	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF511	Estatística Aplicada a Educação Física	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF512	Adapt. Sist. Orgânicos ao Trein. Físico	3	0	1	0	0	0	4	4	4
EF 611	Processo de Envelhecimento e EF	3	0	1	0	0	0	4	4	4
EF 612	Fundamentos de Nutrição e EF	2	0	0	0	0	0	2	2	2
TOTAL DE CRÉDITOS		28	11	5	0	0	0	44	44	44
TOTAL DE HORAS		420	165	75	0	0	0	660	660	660

Quadro 07. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Biológicas e Exatas

Área de Conhecimento: Humanas e Educação										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EF112	Historia da Educação Física	4	0	0	0	0	0	4	4	4
EF113	Fundamentos de Antropologia e EF	4	0	0	0	0	0	4	4	4
EL683	Escola e Cultura	2	2	0	2	0	0	6	4	6
EF312	Teorias da Educação Física	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 313	Fundamentos Teóricos do Lazer	4	0	0	0	0	0	4	4	4
EF 413	Sociologia do Esporte	4	0	0	0	0	0	4	4	4
EF414	Fundamentos Psicologia em Ed. Física	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 711	Lazer e Sociedade	2	0	0	0	0	0	2	2	2
TOTAL DE CRÉDITOS		24	2	0	2	0	0	28	26	28
TOTAL DE HORAS		360	30	0	30	0	0	420	390	420

Quadro 08. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Humanas e Educação

Área de Conhecimento: Pesquisa										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EF116	Teorias do Conhecimento	4	0	0	0	0	0	4	4	4
EF214	Metodologia de Pesquisa	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF614	Pesquisa em EF I	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 714	Pesquisa em EF II	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 814	Seminários de Monografia	2	0	0	0	0	0	2	2	2
TOTAL DE CRÉDITOS		12	0	0	0	0	0	12	12	12
TOTAL DE HORAS		180	0	0	0	0	0	180	180	180

Quadro 09. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Pesquisa.

Área de Conhecimento: Núcleo Específico										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EL 511	Psicologia e Educação	2	2	0	2	0	0	6	4	6
EF 521	Estágio Supervisionado em EF I	2	0	0	4	0	0	6	2	6
EL 211	Política Educ.: Estr. Func. Ed. Brasil	2	2	0	2	0	0	6	4	6
EF 621	Estágio Supervisionado em EF II	2	0	0	5	0	0	7	2	7
EF 622	Educação Física Escolar Infantil	2	1	1	0	0	0	4	4	4
EF 722	EF Escolar Ensino Fundamental	2	1	1	0	0	0	4	4	4
EF 723	Educação Física Escolar Especial	2	1	1	0	0	0	4	4	4
EL 774	Estagio Supervisionado I	0	2	0	4	0	0	6	2	6
EF 822	Educação Física Escolar Ensino Médio	2	1	1	0	0	0	4	4	4
EL 874	Estagio Supervisionado II	0	2	0	6	0	0	8	2	8
TOTAL DE CRÉDITOS		16	12	4	23	0	0	55	32	55
TOTAL DE HORAS		240	180	60	345	0	0	825	480	825

Quadro 10. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Núcleo Específico.

Área de Conhecimento: Conhecimentos Clássicos da EF										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EF114	Fundamentos da Ginástica	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF115	Jogo	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF209	Atletismo	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF212	Ritmo e Expressão	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF213	Fund. Metod. do Treinamento Desportivo	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF314	Dança	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF315	Luta	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF316	Crescimento e Desenvolvimento	2	1	1	0	0	0	4	4	4
EF415	Nado	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF416	Esporte Coletivo	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF 513	Trein. Desp. e Preparação do Desempenho	3	0	1	0	0	0	4	4	4
EF613	Aprendizagem Motora	2	0	0	0	0	0	2	2	2
TOTAL DE CRÉDITOS		23	1	18	0	0	0	42	42	42
TOTAL DE HORAS		345	15	270	0	0	0	630	630	630

Quadro 11. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Clássicos da EF.

Área de Conhecimento: Conhecimentos Aplicados a EF										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EF215	Saúde Coletiva e Atividade Física	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 514	Educação Física Adaptada	2	0	2	0	0	0	4	4	4
EF 811	Gestão em Esporte	2	0	0	0	0	0	2	2	2
EF 441 a EF 451	O estudante deverá escolher 10 créditos, ou seja, 05 disciplinas dentre as EF441 a EF451 (cf. quadro 13)	5	0	5	0	0	0	10	10	10
TOTAL DE CRÉDITOS		11	0	7	0	0	0	18	18	18
TOTAL DE HORAS		165	0	105	0	0	0	270	270	270

Quadro 12. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Aplicados a EF.

Área de Conhecimento: Conhecimentos Aplicados a EF – Obrigatórias Optativas										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
EF441	Basquetebol	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF442	Futebol de Campo	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF443	Futsal	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF444	Ginástica Geral	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF445	Ginástica Artística	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF446	Ginástica Rítmica	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF447	Handebol	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF448	Natação	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF449	Voleibol	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF450	Esportes de Raquete	1	0	1	0	0	0	2	2	2
EF451	Ginásticas Competitivas	1	0	1	0	0	0	2	2	2
TOTAL DE CRÉDITOS		11	0	11	0	0	0	22	22	22
TOTAL DE HORAS		165	0	165	0	0	0	330	330	330

Quadro 13. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Conhecimentos Aplicados a EF – Obrigatórias Optativas.

Área de Conhecimento: Eletivas										
Sigla	Nome disciplina	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
	Qualquer disciplina da Unicamp	16	0	0	0	0	0	16	16	16
TOTAL DE CRÉDITOS		16	0	0	0	0	0	16	16	16
TOTAL DE HORAS		240	0	0	0	0	0	240	240	240

Quadro 14. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Eletivas.

Área de Conhecimento	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
Biológicas e Exatas	28	11	5	0	0	0	44	44	44
Humanas e Educação	24	2	0	2	0	0	28	26	28
Conhecimentos Clássicos da EF	23	1	18	0	0	0	42	42	42
Pesquisa	12	0	0	0	0	0	12	12	12
Núcleo Específico	16	12	4	23	0	0	55	32	55
Conhecimentos Aplicados a EF	11	0	7	0	0	0	18	18	18
Eletivas	16	0	0	0	0	0	16	16	16
TOTAL DE CRÉDITOS	130	26	34	25	0	0	215	190	215
TOTAL DE HORAS	1950	390	510	375	0	0	3225	2850	3225

Quadro 15. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de créditos por Áreas de Conhecimento e tipo de aula/ atividade.

Área de Conhecimento	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
Biológicas e Exatas	420	165	75	0	0	0	660	660	660
Humanas e Educação	360	30	0	30	0	0	420	390	420
Conhecimentos Clássicos da EF	345	15	270	0	0	0	630	630	630
Pesquisa	180	0	0	0	0	0	180	180	180
Núcleo Específico	240	180	60	345	0	0	825	480	825
Conhecimentos Aplicados a EF	165	0	105	0	0	0	270	270	270
Eletivas	240	0	0	0	0	0	240	240	240
TOTAL DE HORAS	1950	390	510	375	0	0	3225	2850	3225
DISTRIBUIÇÃO (em %)	60,47	12,09	15,81	11,63	0	0	100	88,37	100
TOTAL DE CRÉDITOS	130	26	34	25	0	0	215	190	215

Quadro 16. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de horas da jornada acadêmica por Áreas de Conhecimento e tipo de aula/ atividade.

Segundo a COMISSÃO DE ENSINO AMPLIADA, o Núcleo Central dos cursos de Educação Física da FEF-UNICAMP compreende 70% do currículo. Esse núcleo é

“responsável pelo **Conhecimento Identificador da Área de Educação Física**, é composto por disciplinas obrigatórias, obrigatórias optativas e eletivas, e **abarca as manifestações e os conhecimentos clássicos da área (jogo, esporte, ginástica, dança, luta), conhecimentos aplicados da Educação Física**¹³, bem como as bases científicas para sua compreensão e aplicação, oriundas das Ciências Biológicas, Ciências Exatas, Ciências Humanas e da Educação. Além disso, o Núcleo Central contempla as bases educacionais necessárias não somente para os futuros professores do ensino formal, mas para todos os profissionais de Educação Física (Graduados), uma vez que sua atuação caracteriza-se, em grande medida, pela atividade de ensino.” (2005, p.8-9)

Considerando como Conhecimento Identificador da Área de Educação Física as manifestações da cultura corporal de movimento – jogos, esportes, lutas, ginásticas e danças – tratadas nas disciplinas dos eixos temáticos “Conhecimentos Clássicos da EF” e “Conhecimentos Aplicados a EF”, propícias ao desenvolvimento da *Erfahrung* e para fins de aplicação da interface curricular/ matriz metodológica, podemos sintetizar as seguintes informações:

Área de Conhecimento	T	P	L	O	D	E	HS	SL	C
Conhecimentos Clássicos da EF	345	15	270	0	0	0	630	630	630
Conhecimentos Aplicados a EF	165	0	105	0	0	0	270	270	270
SUBTOTAL DE HORAS	510	15	375	0	0	0	900	900	900
DISTRIBUIÇÃO (em %)	15,81	0,47	11,63	0,00	0,00	0,00	27,91	27,91	27,91

Quadro 17. Currículo da FEF-UNICAMP, Catálogo 2006. Relação da distribuição de horas da jornada acadêmica em disciplinas que tratam do Conhecimento Identificador da Área de Educação Física e tipo de aula/ atividade.

De acordo com os dados do quadro 17, são dedicadas 900 horas (27,91%) para as disciplinas que tratam do Conhecimento Identificador da Área de Educação Física, sendo que 510 horas (15,81%) para atividades teóricas, 15 horas (0,47%) para atividades práticas e 375 horas (11,63%) para atividades de laboratório. Somadas as horas das atividades práticas com as

¹³ (Grifo meu)

de laboratório¹⁴, obtivemos apenas 390 horas (12,10%) de momentos para vivências e explorações corporais.

Portanto, refletindo a respeito desse dado, se de acordo com GADOTTI (2000), é preciso que o aluno assuma o processo de ensino/aprendizagem e seja sujeito de sua própria formação, apto a compreender como e porque as coisas acontecem e se relacionam, no caso da Educação Física, é preciso que o corpo, matéria-prima e sujeito das mais dedicadas atenções, deva passar a ocupar um lugar mais central nos cursos de formação de professores, pois assim como o ator que não encena, o músico que não toca, o poeta que não recita, o professor de educação física não pode se eximir da tarefa de sentir as experiências do que ensina.

A interface curricular proposta, logo, apresenta-se como estratégia para que haja um substancial incremento e potencialização da quantidade de horas destinadas às experimentações das manifestações da cultura corporal de movimento no contexto de formação de graduados e de professores de Educação Física.

¹⁴ Ressalta-se aqui a diferenciação do novo currículo da FEF-UNICAMP entre atividade prática e atividade de laboratório em virtude do desgaste da compreensão do termo “prática” como atividade meramente reprodutivista. A maioria das disciplinas com vivências/ experiências corporais em seu conteúdo programático obteve novo enquadramento de atividade prática para atividade de laboratório, por serem de cunho eminentemente exploratório e de pesquisa. (N.A.)

*“Por um lado, há a autonomia do homem como indivíduo socializado e, por outro,
a autonomia do homem genérico.*

*A primeira é a autonomia de Espártaco,
do homem que se emancipa socialmente, quebrando todos os grilhões.*

*A segunda é a autonomia prometética do homem Deus,
que leva às últimas conseqüências o processo de dessacralização
transformando-se em criador de si mesmo,
em agente de uma interminável autopoiesis.”
(ROUANET, 2003, p.61-62)*

CONSIDERAÇÕES

O caso em análise partiu de uma situação construída, já que num dado momento era uma situação inexistente.

Primeiramente, deve-se explicar a escolha da pesquisa na universidade pública. Muito mais do que critério de acesso e facilidade, o estudo fica delimitado às instituições públicas por serem destas o dever de conduzir o encaminhamento das ações educacionais do país, e não servir aos interesses privados orientados ao mercado, já que educação não pode ser compreendida como mercadoria.

O estudo de caso pesquisado, embora pudesse generalizar e tecer relações investigativas com outras instituições públicas se ateve ao âmbito da FEF-UNICAMP e deixa aberta a possibilidade para que haja estudos mais aprofundados nesta faculdade ou em outras instituições.

Dermeval Saviani em seu livro “Escola e Democracia” apresenta a Teoria da Curvatura da Vara. A teoria, atribuída a Lênin em resposta às críticas de seu extremismo e radicalismo, enuncia que “quando a vara está torta, ela fica curva de um lado e se você quiser endireitá-la, não basta colocá-la na posição correta. É preciso curvá-la para o lado oposto”. (1998, p.48-49)

Sobre a teoria da curvatura da vara, uma tese: o corpo na formação de professores de Educação Física está subjugado. Em tempos de outrora, a prática sem significação era detentora dos louros da área, mas ainda assim era corpo. No dia-a-dia da prática docente, constata-se que é preciso conduzir os estudantes num mergulho pessoal nas teias de significados e recursos expressivos do corpo. Mais do que teorias e discussões metodológicas, sensibilizar as pessoas e futuros professores com a experimentação do corpo, sensível e expressivo, se faz tão importante quanto o domínio de procedimentos didáticos. É a construção de uma imagem e de um pensamento sensível sobre o corpo. Parafraseando Jaques-Dalcroze, que para ele, criador da Rítmica, “a Rítmica é, antes de mais nada, uma experiência pessoal” (1909, p.66), as *experiências da cultura corporal* são, antes de mais nada, uma experiência pessoal.

Contudo, para além do foco das experiências da cultura corporal, é preciso iluminar uma das mais importantes contribuições da análise deste estudo de caso: a criação da interface curricular com sua matriz para o corpo aprender a fazer e aprender a ensinar, e sua experimentação. É em razão do ineditismo do dispositivo curricular criado para esta pesquisa, que afloram questões para análises radicais e abrem panorama para novos estudos, dentre os quais se podem enunciar: os valores corresponsabilidade e protagonismo; um novo paradigma curricular espiralado (não-linear); o exercício de papéis dinâmicos (aluno, monitor, professor); rediscussão de extensão e da estrutura de estágio supervisionado (estágio dentro da faculdade); remuneração discente e docente; generalização para outras disciplinas práticas ou com demandas similares de Educação Física ou de outras áreas; o significado político da *techné*, das práticas no âmbito das universidades dentre outras.

ALGUMAS INFERÊNCIAS

Protagonismo e corresponsabilidade:

Uma das teorias vivenciadas para o caso estudado foi o protagonismo e, com mais clareza, o impacto do valor da corresponsabilidade, ou seja, a responsabilidade compartilhada dos alunos na dinâmica das aulas. Nesse ponto, a interface curricular propiciou uma potencialização do interior das disciplinas para alavancar a formação para atuação profissional no âmbito escolar e extra-escolar. Dentre os benefícios do dispositivo curricular criado, sempre com supervisão direta de docente da universidade, destaca-se a otimização curricular metodologicamente comprometida em valorizar as experiências individuais, favorecendo a conformação de grupos e a interação de alunos em diferentes estágios acadêmicos, que ofereceu a possibilidade de aperfeiçoamento profissional calcado na livre escolha.

Um novo paradigma curricular espiralado (não-linear):

O dispositivo curricular de sobreposição de disciplinas de mesma temática com diferentes papéis permitiu a convivência de alunos de todas as turmas da FEF atuando distintamente. Com a interface curricular, os alunos exercitaram o ser colaborador, o ser

corresponsável pela formação de seus colegas/ alunos de curso, muitos dos quais em diferentes momentos acadêmicos. Houve casos de estudantes do 1º e 2º ano cursando disciplina de prática auxiliando estudantes do 3º e 4º ano cursando disciplina de vivência, e vice-versa. Desse modo, favorece-se a criação de redes ou nuvens sociais de alunos e facilita-se o trânsito e intercâmbio de experiências e saberes, rompendo com a lógica linear dominante similar a linha de produção industrial, de acumulação seriada de conhecimento, uma via sem volta.

Potencialização das disciplinas de graduação:

Observa-se que o estudante universitário de Educação Física na FEF-UNICAMP durante sua graduação, no tocante a disciplinas práticas, se depara com o seguinte cenário: baixa oferta de disciplinas práticas; elevado número de alunos; baixa quantidade de horas para assimilação ou aprofundamento; nível de exigência corporal elevado de seus professores na docência de alguns componentes da cultura corporal (ex. ginástica, lutas, etc.). Resultante desse cenário, mais que a reduzida quantidade de disciplinas e horas, é a reduzida qualidade do curso das práticas que adaptam o conteúdo ao parco tempo disponibilizado e comprometem a longo prazo a formação e atuação profissional. Tal situação justifica a existência dos atuais Programas de Estágio Docente (PED) e de Auxílio Didático (PAD), em que há inscrição e seleção de alunos tanto da graduação quanto da pós-graduação para atuarem no suporte didático ao docente com a remuneração de uma bolsa de estudos mensal, em média um aluno por disciplina, e nunca na totalidade da grade semestral oferecida. Tenta-se suprir, com esses programas, a necessidade de pessoal para manter mínima a qualidade do conteúdo programado para as disciplinas. A aplicação do dispositivo curricular potencializa a democratização da experiência de monitoria/ auxílio didático em disciplinas de cunho prático.

Extensão universitária, remuneração discente e docente:

Há também a extensão universitária, que no caso da FEF oferece serviços à comunidade universitária e do entorno em diversas práticas da cultura corporal de movimento. Via de regra, as atividades são cobradas e ministradas por monitores que recebem remuneração mensal via bolsa de estudos. A proposta da interface curricular sugere, ao invés de bolsas,

complementar e ampliar o alcance das vivências da prática docente/ auxílio didático/ monitorias dos alunos por meio de créditos de disciplinas, tanto na graduação, quanto na extensão universitária, e tornar todos os serviços gratuitos tanto para a comunidade do entorno quanto à universitária.

O exercício de papéis dinâmicos (aluno, monitor, professor):

A oportunidade de cursar ambas as disciplinas de Ginástica de Trampolins proporciona dois grandes momentos. Um deles é o conhecimento sensível da atividade, o aluno como ser aluno, vivenciando, sendo assessorado, tutelado, divertindo-se com as descobertas da cultura corporal. O outro é o lado do ser professor, que possui premissas, objetivos, intencionalidades, proposições, diretividade, obrigações e uma série de condicionantes da prática docente que deve ser apresentada, discutida e compreendida num curso de formação de professores. Tendo como dado a utopia de que os estudantes de Educação Física tiveram excelente formação nos conteúdos da cultura corporal em seu período escolar, uma vez na graduação a disciplina de vivência perderia força, mas não a disciplina de prática. Esta última – pressupõe-se – apresenta-se como responsável para desvendar questões não trabalhadas na teoria, o desenvolvimento de práticas seguras devido a constante supervisão docente, a avaliação do aluno atuando na condição de professor, sendo estimulado a solucionar problemas decorrentes da prática com novas metodologias e inferências.

Generalização para outras disciplinas práticas ou com demandas similares de Educação Física ou de outras áreas:

Constata-se, por extensão, a possibilidade de aplicabilidade da interface curricular em qualquer disciplina de cunho prático que aborde a cultura corporal de movimento. Sugere-se a realização de outras pesquisas de campo para experimentação e estudo de viabilidade da proposta, inclusive para cursos correlatos em conteúdos práticos, tais como dança, artes cênicas, música dentre outros.

Por fim, registra-se a viabilidade da interface curricular em currículos de Educação Física sem impacto longitudinal, com o caráter inovador do formato espiralado proporcionando redes de conhecimento, e a matriz do aprender a fazer e aprender a ensinar com protagonismo e corresponsabilidade, com total aplicabilidade em disciplinas de cunho prático.

*quando eu tiver setenta anos
então vai acabar esta minha adolescência*

*vou largar da vida louca
e terminar minha livre docência*

*vou fazer o que meu pai quer
começar a vida com passo perfeito*

*vou fazer o que minha mãe deseja
aproveitar as oportunidades
de virar um pilar da sociedade
e terminar meu curso de direito*

*então ver tudo em sã consciência
quando acabar esta adolescência*

(Paulo Leminsk)

REFERÊNCIAS

APPIA, Adolphe. **L'Origine et le Début de la Gymnastique Rythmique**. Les Feuilletts. Genève, n.11, julho de 1911. apud MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze: sobre a experiência poética da Rítmica**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação, Linguagem e Arte).

_____, **A Obra de Arte Viva**. (tradução e notas de Redondo Júnior a partir da edição original de 1921) Lisboa: Editora Arcádia, (s/d). apud MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze: sobre a experiência poética da Rítmica**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação, Linguagem e Arte).

BENJAMIN, Walter. **Obras Escohidadas: magia e técnica, arte e política**. 7.ed. (tradução de Sergio Paulo Rouanet). São Paulo: Brasiliense, 1994.

BRACHT, Valter. **Educação Física e Aprendizagem Social**. Porto Alegre: Magister, 1992.

COMISSÃO DE ENSINO AMPLIADA. Projeto pedagógico dos novos currículos dos cursos de Educação Física: Licenciatura em Educação Física e Graduação em Educação Física. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2005. (pdf) Disponível em: <<http://www.fef.unicamp.br/>>. Acesso em: 10 jan. 2010.

COSTA, Antonio Carlos Gomes da. **Protagonismo Juvenil**. Adolescência, Educação e Participação Demográfica. Fundação Odebrecht, Salvador, 1998 (mimeo).

DELORS, Jacques et alli. **Educação, um Tesouro a Descobrir**. 2.ed., Asa/UNESCO: Lisboa, 1996.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa: Aportes metodológicos**. 3.ed. Campinas: Papyrus, 2006.

GADOTTI, Moacir. **Pedagogia da Terra**. 2.ed. São Paulo: Peirópolis, 2000.

JAQUES-DALCROZE, Émile. **Éducation par le Rythme**. Genève: *Le Rythme*, n.1, 1909. apud MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze: sobre a experiência poética da Rítmica**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação, Linguagem e Arte).

_____, Émile. **La Rythmique II**. Lausanne: Jobin & Cie, 1917. apud MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze: sobre a experiência poética da Rítmica**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação, Linguagem e Arte).

HOUAISS, Antonio. **Dicionário Eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Editora Objetiva, 2001. CD-ROM.

LAPLANTINE, F. **Aprender Antropologia**. São Paulo: Braziliense, 2000.

LINZMAYER GUTIERREZ, Luis Alberto. **Formação humana e ginástica geral na Educação Física**. Campinas: Faculdade de Educação Física da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação Física e Sociedade).

MADUREIRA, José Rafael. **Émile Jaques-Dalcroze: sobre a experiência poética da Rítmica**. Campinas: Faculdade de Educação da UNICAMP, 2008 (tese de doutorado em Educação, Linguagem e Arte).

MATURANA, H. DE REZEPKA, S. N. **Formación Humana y Capacitación**. Santiago, Chile: Dolmen Ediciones, 1995.

MONLEVADE, João A.; SILVA, Maria Abádia. **Quem manda na educação no Brasil?**. Brasília: Editora Idéa, 2000.

NEIRA, Marcos Garcia. NUNES, Mário Luiz Ferrari. **Pedagogia da cultura corporal: críticas e alternativas**. Phorte Editora: São Paulo, 2006.

PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (org.). **Universidade e Educação Geral: para além da especialização**. Campinas: Alinea, [s.d.]. (Col. Educação em Debate).

PRATTE, Richard. Contemporary theories of education. London: Text Educational publishers, 1971. apud PEREIRA, Elisabete Monteiro de Aguiar (org.). **Universidade e Educação Geral: para além da especialização**. Campinas: Alinea, [s.d.]. (Col. Educação em Debate).

ROUANET, Sergio Paulo. O Homem-Máquina Hoje. In: Novaes, Adauto (org.). **O Homem-Máquina: A Ciência Manipula o Corpo**. São Paulo: Schwrcz – SP, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política**. 20.ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1998. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 5).

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23.ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

STAKE, ROBERT E. Case Studies. In: DENZIN, Norman K. LINCOLN, Yvonna S. **The Handbook of Qualitative Research**. 2.ed. Thousand Oaks, California: Sage Publications Inc., 2000.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS. Diretoria Acadêmica: **Catálogo dos Cursos de Graduação 2010**. Campinas, 2010. Disponível em:
<<http://www.dac.unicamp.br/sistemas/catalogos/grad/catalogo2010/ementas/>>. Acesso em 10/01/2010.

"A liberdade pertence aos que a conquistaram"
(Malraux)

APÊNDICE

APÊNDICE A

Planejamento das atividades das disciplinas

Quando	O Quê	Por Quê	Como	Com	Quem
1º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Apresentação formal do programa e cronograma da disciplina, dos docentes e dos alunos; - Introdução à Ginástica de Trampolins. 	<p>Divulgação e estabelecimento de plano de ação comum, de combinados, de objetivos, alinhamento de expectativas dos docentes e discentes no tocante ao processo de conhecimento dos conteúdos disciplinares.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Entrega e validação do programa da disciplina; - Apresentação multimídia com o conteúdo das atividades; - Exibição de filmes: A História do Trampolim; Campeonato Mundial de Trampolim por Idades e Grupo de Elite; 	<ul style="list-style-type: none"> - Sala de aula para 40 pessoas; - 50 programas da disciplina impressos; - Computador, projetor multimídia; 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez
2º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Diferentes formas de saltos em pé, explorando a área da rede do TRA e MTR. - Segurança ao saltar e segurança no aparelho; - Salto estendido e parada no TRA; - Variações de saltos em pé: grupado, carpado, afastado, ½ giro e 1 giro em pé; - Abordagem sentada: sentado, em pé; - Jogos: “fazer a mala” (combinações improvisadas); - Jogo: “mata-mata” (reforço do salto sentado); - Pendulação nas argolas. - exploração da Mesa Alemã; - Rolamento e estrela no solo; 	<ul style="list-style-type: none"> - Reconhecimento do meio elástico com jogos adaptativos, abordagem dos saltos básicos do TRA e iniciação à sequência de elementos; - Reconhecimento das argolas em movimento; - Reconhecimento do mini-trampolim - Reconhecimento da mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: - Aquecimento: pega-pega, “cowboy”, levitação, bola de basquete; - Estação 1 <p>TRA I: noções de aquecimento e brincadeiras (aterressagens, combinações, “zerinho” individual, “zerinho” comandado, mala)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 2 <p>Mesa Alemã e TRA II: plano elevado com colchão para aterressagem da mesa alemã</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 3 <p>Argolas: pendulação</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 4 <p>MTR: saltos em pé</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 5 <p>Solo: rolamento e estrela</p>	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 04 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterressagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
3º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Variações do salto sentado: sentado, ½ giro em pé / ½ giro, sentado / sentado, ½ giro sentado; - Execução de sequência completa com 10 (dez) elementos; - Jogos: “até o fim”; - “banquinho ou cavalo?” - Abordagem do salto costas; - Desloque nas argolas - Exercício educativo – mata-borrão – no solo - Transposição da Mesa Alemã 	<p>Introdução a novas abordagens na lona do TRA e reforço das combinações.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: noções de segurança básica dos alunos nos saltos com diferentes abordagens na lona; TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: mata-borrão, estrela, rodante, rolamento, canoa - Estação 1 <p>Paralela e solo: mata-borrão</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 2 <p>Argolas: desloque</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 3 <p>TRA: variações e combinações com os saltos aprendidos anteriormente (em pé, sentados);</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 4 <p>TRA: costas;</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estação 5 <p>Mesa de salto: estrela</p> <ul style="list-style-type: none"> - Encerramento: massagem 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 08 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterressagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã - 01 par de barras paralelas 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)

4º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Brincadeiras, combinações e sequências dos elementos já vivenciados no TRA e MTR; - Apoio em suspensão nas argolas; - Transposição da Mesa Alemã; - Parada de mãos, rodante e estrela no solo (exercícios auxiliares para o TRA) 	Reforço dos elementos aprendidos e preparação para os elementos mais complexos.	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: noções de segurança e diferentes exercícios para compor o programa e objetivos das aulas TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: siga o mestre com deslocamentos diversos (corridas frente, trás, lateral, cruzada), quadrupedia, caranguejo, coelho, sapo, coordenativos membro superior (oposição em movimento de braços; sequências lógicas de circundação das articulações dos membros superiores – ombro, cotovelo, punho; circundação simétrica de braços com travamento articular e combinação de salto); - Alongamento dos grandes grupos musculares; - Exercícios isométricos para TRA. - Estação 1 TRA: sequências livres (combinações) - Estação 2 Argolas: apoio em suspensão frente e trás - Estação 3 Mesa de salto: transposição livre - Estação 4 MTR: saltos em pé com e sem giros (no eixo longitudinal, ou seja, na posição em pé) - Estação 5 Solo: parada de mãos, estrela, rodante 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trapolim; - 08 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã; 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
5º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Abordagem frontal; - Variações do salto costas: costas, ½ giro em pé / ½ giro, costas / 1 giro costas; - Mergulho no MTR; - Reversão no solo; - Apoio em suspensão nas argolas; - Transposição da Mesa Alemã em rodante; 	Rotações, controle do corpo em tempo de voo, passagem por apoio, tanto para frente quanto para trás.	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: noções de segurança para os saltos costas e frontal TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Estação 1 TRA: costas e variações, combinações com exercícios aprendidos - Estação 2 MTR: mergulho iniciado em plano elevado (mesa, mini-trapolim invertido, colchão) - Estação 3 Solo: escada com plintos, reversão; direto no solo com colchonetes - Estação 4 Argolas: apoio em suspensão frente e trás - Estação 5 Mesa de salto: rodante - Encerramento: Massagem 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trapolim; - 08 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã - 06 gavetas de plinto 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
6º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Execução de nova sequência completa com 10 (dez) elementos; - Jogos: “peixinho”; “bife à milanesa”; frontal ½ giro árabe, frontal; - Aperfeiçoamento da abordagem frontal; - Jogos: “voo da garça” e “roda pião”; - Saída em mortal nas argolas; - Mergulho no MTR; - Reversão na Mesa Alemã; 	Combinações de elementos aprendidos para elaboração de novas sequências e acomodação das habilidades aprendidas	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: diversidades de exercícios educativos TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Estação 1 TRA: sequências livres - Estação 2 MTR: mergulho - Estação 3 TRA: sequências direcionadas (10 toques) - Estação 4 Argolas: saída em mortal para frente - Estação 5 Mesa de salto: reversão - Encerramento: Massagem 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trapolim; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)

7º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Variações do salto frontal: ½ giro, frontal; - Jogos com posição frontal: pára-quedas / frontal, 1 giro árabe, frontal; - Saltos com Rotações: ¾ para frente da posição em pé (“mergulho”) / ¾ para trás da posição costas (“pull over”); - Saída em mortal das argolas; - Mortal para trás na Mesa Alemã; - Mortal para trás no solo (“Le parcour”) - Mortal para frente no MTR 	Percepção do corpo no ar em diferentes posições e direções.	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: noções de segurança e ajuda nos saltos “mergulho” e “pull over” (com e sem auxílio do colchão) TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: grandes membros, rolamentos. Jogos com frontal no TRA - Estação 1 Argolas: saída em mortal para frente - Estação 2 TRA: costas, pullover, mergulho - Estação 3 MTR: iniciação do mortal para frente - Estação 4 Solo: “Le parcour” com prancha de salto inclinada no cabo de aço circense – mortal para trás com dupla ajuda - Estação 5 Mesa de Salto: mortal para trás com ajuda, da mesa para o TRA com colchões de aterrissagem 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã; - 01 prancha de salto; 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
8º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Saltos com rotações: ¾ para frente, ½ giro em pé; ¾ para frente, ½ giro costas; - Jogos de memorização; - Saída em mortal para trás das argolas; - Mortal no solo (prancha inclinada) – “Le Parcour” - Flic-flac no MTR; 	Memorização e reforço da percepção do corpo em movimento no ar.	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: noções de base do trampolim (eixos de rotação transversais e longitudinais, formas de aterrissagens, abordagem vertical e horizontal no ensino, nomenclatura internacional – A, B, C, mortais simples, mortais com piruetas) TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: grandes membros, rolamentos, giros, articulações do ombro e “bolinhas”. - Estação 1 Argolas: saída em mortal para trás - Estação 2 TRA: costas, pullover - Estação 3 TRA: mergulho com variações - Estação 4 Solo: “Le parcour” com prancha de salto inclinada no cabo de aço circense – mortal para trás com dupla ajuda, ajuda simples, sem ajuda. - Estação 5 MTR: flic- flac 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 01 prancha de salto; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
9º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Back C (mortal para trás grupado) no TRA; - Front C (mortal para frente grupado) no TRA; - Saída em mortal para trás nas argolas; - Mortal para frente no MTR; - Über na Mesa Alemã; 	Vivência de elementos mais complexos, assim como seu auxílio, proteções e segurança	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: segurança e ajuda em mortais para trás e para frente TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: simples - Estação 1 TRA: mortal para trás C - Estação 2 Argolas: mortal para trás (saída à frente) - Estação 3 Mesa de Salto: Estrela, rodante, Über - Estação 4 MTR: mortal para frente C Estação 5 - TRA: mortal para frente C 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)

10º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Back C, B, A (mortal para trás grupado, carpado e estendido) no TRA; - Front B (mortal para frente carpado) no TRA; - Stemmen nas argolas; - Reversão e rodante seguido de mortal para trás no solo; 	<p>Vivências de movimentos mais complexos com rotações de 360º no eixo transversal, em diferentes posições do corpo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: segurança e ajuda em mortais para trás e para frente em diferentes posições TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: abdominais com explosão grupado e carpado; tábua; canoa; postura estendida estática em apoio à frente de braços; João bobo em parada de mãos; ponte em duplas (destaque do ombro); parada de mãos e rolamento; rolamento C, B; mergulho C, B, A para frente; chamadas; estrela; rodante - Estação 1 Argolas: Stemmen no pêndulo à frente, apoio em suspensão - Estação 2 TRA: mortal para frente B - Estação 3 MTR: Com auxílio de mesa, parada de mãos e mortal para trás C, B, A - Estação 4 TRA: mortal para trás grupado (C), carpado (B) e estendido (A) - Estação 5 Solo: reversão para frente e rodante seguido de mortal para trás 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)
11º encontro	<ul style="list-style-type: none"> - Back C, B, A (mortal para trás grupado, carpado e estendido) no TRA; - Front C, B (mortal para frente grupado e carpado) no TRA; - Stemmen e saída em mortal para frente das argolas; - Flic-flac e reversão no MTR; - Mortal estendido (back A) no solo com auxílio; 	<p>Vivências de movimentos com mais complexos com rotações 360º no eixo transversal, em diferentes posições do corpo</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Alunos divididos em circuito com 5 estações: TRA II: segurança e ajuda em mortais para trás e para frente em diferentes posições TRA I: sem materiais (FIGG2007) - Aquecimento: corridas, cruzamentos (pulso e metade pulso), chamadas em “x”, queda para frente com amortecimento na flexão de braços, postura estendida estática em apoio à frente de braços, abdominais com explosão grupado e carpado, postura estática canoa dorsal e ventral, postura dinâmica canoa dorsal e ventral, “chute escorpião – pés, mãos” (em duplas), canoa e tábua (em duplas), João bobo em parada de mãos e flexão de braço em parada de mãos (em trios), ponte (destaque do ombro) - Estação 1 TRA: com saída da mesa, rodante, mortal para trás - Estação 2 Argolas: Stemmen no pêndulo para trás, apoio em suspensão; mortal para frente (saída à trás) - Estação 3 MTR: flic-flac, reversão - Estação 4 TRA: front B e C - Estação 5 Da trave de equilíbrio ao solo: vivência de mortal para trás estendido com ajuda sêxtupla (duas para sustentar entrada do mortal, duas para eixo de giro no ombro, duas para sustentar saída do mortal). 	<ul style="list-style-type: none"> - 02 trampolins acrobáticos; - 01 mini-trampolim; - 06 colchões grandes de ginástica; - 06 colchonetes de ginástica, do tipo sarneige; - 01 colchão de aterrissagem; - 01 par de argolas em movimento; - 01 mesa alemã; - 01 trave de equilíbrio; 	<ul style="list-style-type: none"> - Prof. Jorge Pérez - Alunos de prática (TRA II) ajudando os de vivência (TRA I)

12º encontro	Ensaio para demonstração de TRA no Festival Interno de Ginástica.	Desenvolvimento de processo criativo em grupo e organização de coreografia para apresentação.	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizando dos recursos disponíveis do curso; - Numero de ensaios e temática definida pelo grupo de alunos; 	Livre escolha dos disponíveis na faculdade	- Alunos de prática (TRA II) mediando os de vivência (TRA I)
13º encontro	Ensaio para demonstração de TRA no Festival Interno de Ginástica.	Desenvolvimento de processo criativo em grupo e organização de coreografia para apresentação.	<ul style="list-style-type: none"> - Utilizando dos recursos disponíveis do curso; - Numero de ensaios e temática definida pelo grupo de alunos; 	Livre escolha dos disponíveis na faculdade	- Alunos de prática (TRA II) mediando os de vivência (TRA I)
14º encontro	Festival Interno de Ginástica	Demonstrar o processo evolutivo de desenvolvimento dos alunos em aula	- Apresentar uma coreografia de TRA no Festival Interno de Ginástica com os elementos desenvolvidos em aula	Livre escolha dos materiais disponíveis na faculdade	- Alunos de prática (TRA II) e os de vivência (TRA I)
15º encontro	Avaliação final da disciplina	<ul style="list-style-type: none"> - Mostra do resultado do processo de aprendizado; - Prestação de contas à comunidade da FEF e universitária. 	<p>Análise:</p> <ul style="list-style-type: none"> - a participação e o envolvimento do aluno em aula; - a contribuição do aluno às aulas; - a pontualidade do aluno; - a apresentação grupal da coreografia no Festival de Ginástica; 	Livre escolha dos materiais disponíveis na faculdade	- Prof. Jorge Pérez

APÊNDICE B

Programa da Disciplina EF937 – Tópicos Especiais em Educação Física II: Ginástica de Trampolim I

EF 937 – Tópicos Especiais em Educação Física II

OF:S-5 T:01 P:01 L:00 O:02 D:00 E:00 HS:04 SL:02 C:04 EX:S

Curso: 27/45 – Educação Física | Habilitação: Licenciatura/Bacharelado | Departamento Responsável: Departamento de Educação Motora – DEM | Responsável pela disciplina: Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo | Tipo da disciplina: Eletiva

EMENTA DO CATÁLOGO

Desenvolvimento de Temas e Projetos em Educação Física. O curso terá seu programa definido pelo(s) docente(s) responsável(is) e aprovado pela Comissão de Ensino de Graduação da Faculdade de Educação Física.

PROGRAMA GINÁSTICA DE TRAMPOLIM I

EMENTA

Procedimentos pedagógicos que levem a uma aprendizagem da vivência do Trampolim Acrobático, com ênfase na análise dos movimentos básicos. Metodologia de ensino. Habilitar o futuro profissional a ministrar aulas dessa modalidade no âmbito da educação formal e não-formal.

OBJETIVOS

Geral:

Oferecer a oportunidade de vivenciar os diferentes conhecimentos da Ginástica de Trampolim, com destaque nos aparelhos Trampolim Acrobático, Mini-Trampolim e Duplo Mini-Trampolim, que possam ser utilizados na Educação Física no âmbito da educação formal e não-formal.

Específicos:

- Conhecer, fundamentar e analisar a modalidade como um componente da cultura corporal e identificar a relevância dessas manifestações no âmbito nacional
- Fundamentação e contextualização das diferentes habilidades da Ginástica de Trampolim aplicáveis no âmbito da educação formal e não-formal
- Conhecer as técnicas dos saltos de menor complexidade
- Habilitar os alunos para a pesquisa e para a ação prática
- Executar os saltos básicos nos aparelhos Mini-Trampolim (MTR), Duplo Mini-Trampolim (DMT) e Trampolim Acrobático (TRA)
- Ser capaz de ministrar esse conhecimento nas aulas de educação física escolar e não-formal.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. História da Ginástica de Trampolim e sua evolução no mundo, como esporte; 2. Segurança e manuseio do aparelho; 3. Aparelhos auxiliares e complementares para a vivência; 4. Salto básico em pé: impulso, postura e retomada; 5. Posições básicas no ar: estendida, grupada, carpada, afastada e combinações entre as mesmas; 6. Saltos básicos nos aparelhos e aterrissagens no Trampolim Acrobático: sentada, costas e frontal; 7. Combinações de saltos de dificuldade básica; 8. Propostas de materiais alternativos para escola; 9. Atividades no aparelho para vivência em aulas escolares.

METODOLOGIA DO ENSINO

Aulas teóricas/práticas;
Trabalhos em grupos;
Assistência e participação em eventos com relatórios;
Projeção de Filmes.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA

Conceito pela participação dos alunos em aulas;
Provas práticas;
Provas teóricas;
Apresentação de Trabalhos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITISH, COLUMBIA TRAMPOLINE & ACROSPORTS FEDERATION *Trampoline Skill Identification Manual*. BCTAF, New Westminster, 1993.
CANADIAN GYMNASTICS FEDERATION. *Trampoline-National Coaches Certification Program – Level 1*. CGF, Gloucester, 1992.
_____. *Trampoline-National Coaches Certification Program – Level 2*. CGF, Gloucester, 1992.
CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA *Código de Pontuação para Trampolim, Tumbling, Duplo-Mini Trampolim*. Curitiba, 2000.
FEDERATION INTERNACIONAL DE TRAMPOLIM *Handbook 1997*. FIT, Moutier, 1997.
PEIXOTO, C. *Trampolins Elásticos. Sistematização da Aprendizagem*. Faculdade de Motricidade Humana, 1990.
SCHULZ, D. *Methodic des Trampolinspringens*. Hofmann, Stuttgart, 1972.
SIU, J.E. *Cama elástica*. Editora Alhambra, Madrid, 1986.

APÊNDICE C

Programa da Disciplina EF940 – Tópicos Especiais em Educação Física V: Ginástica de Trampolim II

EF 940 – Tópicos Especiais em Educação Física V: GINÁSTICA DE TRAMPOLIM II

OF:S-5 T:01 P:01 L:00 O:02 D:00 E:00 HS:04 SL:02 C:04 EX:S

Curso: 27/45 – Educação Física

Habilitação: Licenciatura/Bacharelado

Departamento Responsável: Departamento de Educação Motora – DEM

Responsável pela disciplina: Prof. Dr. Jorge Sergio Pérez Gallardo

Tipo da disciplina: Eletiva

EMENTA DO CATÁLOGO

Desenvolvimento de Temas e Projetos em Educação Física. O curso terá seu programa definido pelo(s) docente(s) responsável(is) e aprovado pela Comissão de Ensino de Graduação da Faculdade de Educação Física.

GINÁSTICA DE TRAMPOLIM II

EMENTA

Procedimentos pedagógicos que levem a uma aprendizagem da prática do Trampolim Acrobático, com ênfase na análise dos movimentos de dificuldade intermediária. Metodologia de ensino e prática. Habilitar o futuro profissional a prestar monitoria nesse esporte. Estudar as regras e abordar a organização de competições na modalidade.

OBJETIVOS

Executar os saltos intermediários no aparelho. Conhecer as técnicas e elaborar seqüências dos saltos de complexidade intermediária. Conhecer as regras a ponto de ser capaz de arbitrar uma competição da modalidade. Ser capaz de monitorar aulas de prática nesse aparelho.

CONTEÚDO PROGRAMÁTICO

1. Organização da Ginástica de Trampolim no Brasil e no mundo; 2. Segurança e manuseio do aparelho; 3. Aparelhos auxiliares e complementares para a prática; 4. Saltos intermediários; 5. Combinações de posições básicas no ar: estendida, grupada, carpada; 6. Aterrissagens combinadas: sentada, de costas e frontal; 7. Combinações de saltos de dificuldade intermediária; 8. Regras; 9. Organização de competição; 10. Atividades no aparelho para prática extra-escolar.

METODOLOGIA DO ENSINO

Aulas teóricas/práticas;
Trabalhos em grupos;
Assistência e participação em eventos com relatórios;
Projeção de Filmes.

CRITÉRIO DE AVALIAÇÃO DA DISCIPLINA

Conceito pela participação dos alunos em aulas;
Provas práticas;
Provas teóricas;
Apresentação de Trabalhos.

BIBLIOGRAFIA BÁSICA

BRITISH, COLUMBIA TRAMPOLINE & ACROSPORTS FEDERATION *Trampoline Skill Identification Manual*. BCTAF, New Westminster, 1993.

CANADIAN GYMNASTICS FEDERATION. *Trampoline-National Coaches Certification Program – Level 1*. CGF, Gloucester, 1992.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA *Código de Pontuação para Trampolim, Tumbling, Duplo-Mini Trampolim*. Curitiba, 2000.

FEDERATION INTERNACIONAL DE TRAMPOLIM *Handbook 1997*. FIT, Moutier, 1997.

PEIXOTO, C. *Trampolins Elásticos. Sistematização da Aprendizagem*. Faculdade de Motricidade Humana, 1990.

SCHULZ, D. *Methodic des Trampolinspringens*. Hofmann, Stuttgart, 1972.

SIU, J.E. *Cama elástica*. Editora Alhambra, Madrid, 1986.